



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

DANYELE APARECIDA NUNES CAMPOZANO SIQUEIRA

**O ENSINO DE LITERATURA EM DIÁLOGO COM AS NOVAS TECNOLOGIAS: O
POEMA EM SALA DE AULA**

Campo Grande/MS
2018



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

DANYELE APARECIDA NUNES CAMPOZANO SIQUEIRA

**O ENSINO DE LITERATURA EM DIÁLOGO COM AS NOVAS
TECNOLOGIAS: O POEMA EM SALA DE AULA**

**O ENSINO DE LITERATURA EM DIÁLOGO COM AS NOVAS
TECNOLOGIAS: O POEMA EM SALA DE AULA**

2018

**Campo Grande/MS
2018**

DANYELE APARECIDA NUNES CAMPOZANO SIQUEIRA

**O ENSINO DE LITERATURA EM DIÁLOGO COM AS NOVAS TECNOLOGIAS: O
POEMA EM SALA DE AULA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras_PROFLETRAS, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Orientador(a): Prof. Dr. Lucilo Antonio Rodrigues

Campo Grande/MS
2018

S629e Siqueira, Danyele Aparecida Nunes Campozano

O ensino de literatura em diálogo com as novas tecnologias: o poema em sala de aula /

Danyele Aparecida Nunes Campozano Siqueira. Campo Grande, Ms: [s.n.], 2018.

69f.; 30cm

Orientador: Lucilo Antonio Rodrigues.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, 2018.

1.Literatura – pesquisa. 2. Letramento literário. 3. Tecnologias. I.Título.

CDD 23.ed. 807

DANYELE APARECIDA NUNES CAMPOZANO SIQUEIRA

**O ENSINO DE LITERATURA EM DIÁLOGO COM AS NOVAS TECNOLOGIAS: O
POEMA EM SALA DE AULA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras_PROFLETRAS, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Lucilo Antonio Rodrigues (Presidente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Fábio Dobashi Furuzato (Titular)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Paulo Custódio de Oliveira (Titular)
Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD

Prof. Dr. Maria Leda Pinto - Suplente
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Danglei de Castro Pereira - Suplente
Universidade de Brasília/UnB

Campo Grande/MS, 26 de março de 2018.

Dedico este trabalho à minha família e amigos.

AGRADECIMENTOS

A CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), e a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul por me proporcionarem a oportunidade de cursar este mestrado.

A Deus, pela realização deste sonho.

Ao meu orientador, Professor Doutor Lucilo Antonio Rodrigues pelo auxílio e atenção dispensados neste estudo.

Ao professor Doutor Fábio Dobashi Furuzato e à Professora Doutora Maria Leda Pinto pelas fundamentais contribuições na banca de qualificação.

Ao meu esposo, Alessandro Campos Siqueira pelo apoio incondicional.

Aos meus pais, Ercio Campozano e Maria Aparecida Nunes Campozano pelo incentivo nos estudos e em toda minha trajetória.

Aos meus alunos que foram os meus motivadores e contribuíram diretamente na realização deste trabalho.

A poesia é necessária

Título de uma antiga seção do velho Braga na Manchete. Pois eu vou mais longe ainda do que ele. Eu acho que todos deveriam fazer versos. Ainda que saiam maus. É preferível, para a alma humana, fazer maus versos a não fazer nenhum. O exercício da arte poética é sempre um esforço de autossuperação e, assim, o refinamento do estilo acaba trazendo a melhoria da alma.

E, mesmo para os simples leitores de poemas, que são todos eles uns poetas inéditos, a poesia é a única novidade possível. Pois tudo já está nas enciclopédias, que só repetem estupidamente, como robôs, o que lhes foi inculcado. Ou embutido. Ah, mas um poema, um poema é outra coisa...

Mario Quintana.

SIQUEIRA, Danyele Aparecida Nunes Campozano. *O ensino de literatura em diálogo com as novas tecnologias: o poema em sala de aula*. 2018. 70 f. dissertação (mestrado em letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2018.

RESUMO

O ensino de literatura em sala de aula não se limita apenas a ensinar conceitos e conteúdos, trata-se de formar leitores capazes de compreender o que está escrito como também aquilo que está implícito, para que os alunos tenham prazer em ler dentro e fora da escola, em um exercício de construção e reconstrução de sentidos. A prática do letramento literário, aliada às novas tecnologias, apresenta muitas possibilidades no processo de aprendizagem, desde que seu uso seja correto. Frente ao exposto, este projeto apresenta uma proposta interventiva aplicada em sala de aula subsidiada por uma metodologia crítica e reflexiva visando à participação e à transformação da realidade, assegurada pelo método de pesquisa-ação proposta por Thiollent (2011). Dessa forma, este estudo propõe uma nova estratégia de ensino de literatura no Ensino Fundamental baseada na sequência didática de Cosson (2006), motivada pela estratégia de reprodutibilidade transformativa proposta por Rodrigues (2014) e em diálogo com as novas tecnologias, sendo desenvolvida de forma específica para a prática de leitura, com a ressignificação de poemas por meio de imagens e pela produção de videopoemas.

Palavras-chave: Letramento literário. Tecnologias. Poema.

SIQUEIRA, Danyele Aparecida Nunes Campozano. *O ensino de literatura em diálogo com as novas tecnologias: o poema em sala de aula*. 2018. 70 f. dissertação (mestrado em letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2018.

ABSTRACT

The teaching of Literature in the classroom is not limited to teaching concepts and content, it is about forming readers capable of understanding what is written as well as what is implied, so that students enjoy reading inside and outside the classroom, in an exercise of construction and reconstruction of meanings. The practice of literary literacy, coupled with new technologies, presents many possibilities in the learning process, whereas its use is correct. In view of the above, this project presents an interventional proposal applied in the classroom and subsidized by a critical and reflexive methodology aimed at the participation and transformation of reality, ensured by the research-action method proposed by Thiollent (2011). In this way, this study proposes a new strategy of teaching Literature in Elementary School based on the didactic sequence of Cosson (2006), motivated by the strategy of transformative reproducibility proposed by Rodrigues (2014) and in dialogue with the new technologies, being developed in a way specific for the practice of reading by the re-signification of poems by images and the production of videopoems.

Keywords: Literary literacy. Technologies. Poem.

Sumário

INTRODUÇÃO	12
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
1.1 Literatura: o que é o ensino de Literatura	15
1.2 Letramento literário.....	18
2 METODOLOGIA.....	21
2.1 A Estratégia da Reprodutibilidade Transformativa	22
3 ATIVIDADE DESENVOLVIDA	28
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	68

INTRODUÇÃO

As tecnologias estão cada vez mais ocupando espaço no mundo contemporâneo. Igualmente, o avanço e o acesso às informações nunca foram tão rápidos, evolução essa responsável por transformações notáveis na sociedade, como no trabalho, nas relações pessoais e também na educação.

Diante dessa era digital, foi aberta uma nova dimensão para a aquisição de informações e conhecimentos, de modo que a escola, como lugar de formação e aprendizagem, não pode ficar excluída desse processo.

Considerando, ainda, que o papel da escola é formar cidadãos e qualificá-los, não apenas para o trabalho, mas também para os desafios decorrentes da disseminação da tecnologia na vida cotidiana das pessoas, essa instituição também precisa inserir-se nesse contexto de maneira crítica e reflexiva e assim oportunizar aos seus alunos uma aprendizagem mais interativa e criativa, aliada a uma construção coletiva do conhecimento.

Nesse cenário, as novas tecnologias utilizadas no ensino de Literatura poderão colaborar para uma melhor e mais ampla apreensão dos conteúdos trabalhados em sala de aula, uma vez que elas já fazem parte da sociedade em que o aluno está inserido. Nesse sentido, a tecnologia será utilizada não meramente como “ferramenta”, mas como parte de uma estratégia que visa conferir maior consciência das pessoas em relação aos processos de apreensão de conhecimentos utilizados no cotidiano. Nessa perspectiva, o bom uso das tecnologias digitais, aliado à prática docente, torna o processo de ensino-aprendizagem de Literatura mais próximo das práticas sociais ou, por outras palavras, diminui a distância que há entre o conhecimento sistemático (escolar) e o não sistemático.

Frente ao exposto, o presente trabalho discute o ensino de Literatura a partir do auxílio das novas tecnologias, exercício aplicado a alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, matriculados na Escola Estadual Olinda Conceição Teixeira Bacha, localizada em Campo Grande, Mato Grosso do sul, desenvolvido durante as aulas de Língua Portuguesa e contemplando especificamente um gênero da esfera literária, o poema.

Nosso objetivo é promover um efetivo contato do alunado com o texto literário, mediante um diálogo com as tecnologias digitais, buscando que os estudantes tenham interesse e prazer pela leitura literária.

Estruturamos nossa proposta em quatro capítulos: o primeiro nos permite despertar para o advento das novas tecnologias e para compreender como elas têm sido abordadas no

ambiente escolar, proporcionando uma reflexão e a discussão de alguns conceitos, como o que é literatura, seu ensino e letramento literário.

No segundo capítulo, apresentamos a metodologia de pesquisa que fundamenta este estudo, pesquisa-ação, sua estrutura e forma de organização. Apresentamos assim a estratégia de reprodutibilidade transformativa, sua concepção e como ela pode ser de extrema importância no espaço da sala de aula.

No terceiro capítulo, buscamos descrever minuciosamente todo o percurso da aplicabilidade deste estudo, relatando os principais momentos vivenciados em sala de aula, desde a recepção da proposta pelos alunos até a produção final dos videopoemas¹.

No quarto capítulo, apresentamos algumas análises de frames desenvolvidos pelos alunos, discutindo o processo de feitura dos trabalhos e desenvolvendo algumas reflexões.

Como produto final do trabalho, elaboramos videopoemas que se referem aos poemas que trabalhamos na sala de aula.

¹ Nesta pesquisa, por questões éticas, escolhemos não divulgar imagens e nomes dos alunos participantes.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No cenário educacional percebemos que as mídias já fazem parte da vida de nossos alunos. A prova disso é que grande parte deles sabem digitar, editar vídeos, inserir imagens, navegar na web, baixar jogos, acessar redes sociais, chats, etc. A pergunta que fazemos diante de tal cenário é: como fica nisso tudo o ensino de Literatura?

A utilização de certos recursos tecnológicos não é necessária nem determinante no ensino de Literatura ou de linguagens de um modo geral. No entanto, aproveitar esse potencial é relevante na medida em que se oportuniza um efetivo diálogo entre a construção do conhecimento sistemático (a escola) e do assistemático (cotidiano)². Justamente por isso, pode-se afirmar que não é da competência do professor de Literatura e de Língua Portuguesa ensinar o uso de ferramentas digitais, mas inseri-las no processo de ensino-aprendizagem. Contudo, para isso, é necessário que o professor saiba utilizar tais recursos para preparar suas aulas. Em relação a essa discussão, Rojo (2012, p. 99) afirma:

A chegada cada vez mais rápida e intensa das tecnologias (com o uso cada vez mais comum de computadores, Ipods, celulares, tablets etc.) e de novas práticas sociais de leitura e de escrita (condizentes com os acontecimentos contemporâneos e com os textos multissemióticos circulantes) requer da escola trabalhos focados nessa realidade.

Sabendo, pois, que a escola necessita incorporar em seu ambiente os recursos tecnológicos e o professor apropriar-se deles para contribuir no ensino de gêneros digitais que emergem na sociedade, é necessário observar que destacamos esse ensino não em sua dimensão técnica, mas sobretudo em sua dimensão reflexiva, uma vez que a apreensão técnica, na maioria das vezes (veja-se o exemplo do *smartphone*), ocorre espontaneamente naquilo que poderíamos chamar de espaço social. Nesse sentido, são relevantes as abordagens que estabelecem um diálogo entre as tecnologias digitais e os novos gêneros, sem prejuízo daqueles tradicionais. A esse respeito, Marcuschi (2008, p. 198) salienta:

Mais do que em qualquer outra época, hoje proliferam gêneros novos dentro de novas tecnologias, particularmente na mídia eletrônica (digital). Diante

² A este respeito, lembremos a importante distinção que Maria da Glória Gohn faz entre educação formal e educação não formal “[...]a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados: e a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas”. (2006)

disto, vale indagar-se se a escola deverá amanhã ocupar-se de como se produz um e-mail e outros gêneros do discurso do mundo virtual ou isso não é sua atribuição? Pode a escola tranquilamente continuar ensinando como se escreve cartas e como se produz um debate face a face? Será que o modelo de interação face a face proposto por Sacks, Schegloff e Schiffrin nos anos 70 já deve ser revisto em pontos essenciais, considerando-se a presença nos bate-papos?

Marcuschi coloca em xeque o ensino meramente técnico, como, por exemplo, a utilização de uma caixa de e-mail, mas, ao mesmo tempo, reflete sobre a maneira como os alunos utilizam os chats contrapondo-os à interação face a face. Saliente-se que não está em questão o esquecimento dos gêneros tradicionais, mas intenta-se incluir os novos gêneros no contexto da realidade, não apenas mostrando as relações existentes entre ambas as feições, como, por exemplo, entre um e-mail e uma carta, mas também considerando a rapidez com que determinadas ferramentas são descartadas.

Partindo de tal cenário, as reflexões propostas por este estudo visam discutir e apresentar algumas impressões e encaminhamentos pedagógicos acerca do uso das novas tecnologias, com destaque especial a computadores, scanners, impressoras e internet, no ensino de Literatura.

1.1 Literatura: o que é o ensino de Literatura

Na Antiguidade, principalmente nas civilizações gregas e romanas, o ensino de Literatura era integrado ao conceito de educação, de modo geral. Sua presença era imprescindível para o domínio do código verbal e carregava outra finalidade, que era a transmissão de regras e princípios para os futuros cidadãos.

Regina Zilberman (2009) descreve o modelo da escola na Grécia Antiga e o ensino de Literatura, que remonta ao século V a. C., além de recuperar testemunhos e registros da época que atestam que, desde o início, o funcionamento da escola dependia da transformação da poesia em matéria de ensino, e isso supunha primeiramente a aprendizagem da leitura e da escrita.

Atualmente, muito se discute sobre o ensino de Literatura e sua definição. Dessa maneira, buscaremos algumas reflexões de diferentes autores para contribuição neste estudo.

Marisa Lajolo ([1984, p. 43](#)), por exemplo, argumenta que:

É a literatura a porta de um mundo autônomo que, nascendo com ela, não se desfaz na última página do livro, no último verso do poema, na última fala da representação. Permanece ricocheteando no leitor, incorporado como vivência, exigindo-se em marco do percurso de leitura de cada uma.

A partir dessa definição, depreende-se que a literatura trabalha de forma especial em cada leitor e não acaba quando se termina de ler um texto ou de assistir uma representação, mas leva o leitor a reflexões e a sensações por um longo período, conduzindo-o a descobrir o mundo que o cerca.

Sobre o conceito de literatura Afrânio Coutinho contribui ao afirmar que:

A literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio. Os fatos que lhe deram às vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriram outra, graças à imaginação do artista. São agora fatos de outra natureza, diferente dos fatos naturais objetivados pela ciência ou pela história ou pelo social. (1978, p. 9).

Para o autor, a literatura é a arte que está nas criações que transfiguram o real, e o artista literário pode criar e recriar um novo mundo, pois este está intrinsecamente no imaginário do artista, que passa a viver outra realidade, independente do autor ou das circunstâncias de onde veio.

Ainda conceituando Literatura, Antonio Candido, por sua vez, explica:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente de nossa vontade (2011, p. 176).

Candido discute ainda que a literatura se manifesta universalmente por meio do ser humano e o pode ser de todas as formas, presente em todas as culturas, independente de como ela se faz reconhecida. Ele destaca também a importância dessa representação cultural para o universo da imaginação, declarando a literatura indispensável para a vida humana

Observa-se aqui que Lajolo, Coutinho e Candido apontam para uma dimensão significativa da literatura, qual seja, a autonomia em relação ao real. Ainda que esta autonomia seja relativa “ricocheteando no leitor”, transfigurando o real ou abrindo portas para um “universo fabulado”, a literatura estabelece um diálogo com o real: é justamente essa possibilidade de diálogo que é relevante quando se fala em ensino de literatura.

Essa maneira de se entender o ensino de literatura entra em choque com algumas práticas que, na maioria das vezes é ancorada, apenas, no livro didático. Nessa perspectiva, o ensino de Literatura na escola é considerado, não raras vezes, o ensinamento de uma disciplina conteudística ancorada por uma transmissão de conceitos e de características estéticas de certo período literário, bem como relacionado também a uma obrigação de leituras impostas pelo professor e à aplicação de atividades de interpretação textual direcionada, resumos e relatórios que objetivam apenas recontar a história com suas próprias palavras. Muitas vezes, essas atividades são restritas ao material didático. Sobre esta realidade, Gebara aponta:

Um exemplo de problema frequente é a veiculação de estereótipos dos questionários presentes em livros didáticos e similares. Ao exigir que o aluno analise o texto literário, utilizando uma série de questões objetivas, com resposta única, em muitos casos, condiciona –se um comportamento com fins funcionais (2012, p. 33).

Inúmeras vezes, atividades aplicadas na sala de aula não abrem espaço para que o aluno possa se expressar, pois ficam limitadas a um direcionamento estabelecido nos livros didáticos, neste caso aluno torna-se condicionado a procurar respostas prontas. O que configura a realidade desse ensino nas salas de aulas das nossas escolas e traz, como consequência, um crescente desinteresse dos alunos e os privando do perigo ao amor à literatura, declarado por Todorov (2010, p. 33):

O conhecimento da literatura não é um fim em si, mas das vias régias que conduzem a realização pessoal de cada um. O caminho tomado atualmente pelo ensino literário, que dá as costas a esse horizonte (“nesta semana estudamos metonímia, semana que vem passaremos à personificação”), arrisca-se a nos conduzir a um impasse – sem falar que dificilmente poderá ter como consequência o amor pela literatura.

Evidentemente, esse amor mencionado pelo estudioso tem sido ameaçado nas escolas. Contudo, acreditamos na possibilidade de ruptura de paradigmas com relação ao modo que a

literatura pode ser ensinada. Justamente por isso, entendemos que aluno deve ser orientado para compreender o papel da literatura, como uma oportunidade de entender o mundo de forma crítica, tornando-se capaz de articular a leitura feita na sala de aula e seu olhar para o mundo.

Assim sendo, a escola não pode ficar de fora desse desafio: ela deve desempenhar papel ativo nesse processo de formação do aluno leitor e também precisa se dedicar, para que a literatura cumpra seu papel de humanização. A esse respeito, Candido (2011, p.188) argumenta:

[...] A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão de mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos.

Assim, a literatura torna-se fundamental para a formação do aluno porque possui um poder libertador em seus textos, estes que carregam saberes, e a cada leitura, é permitido aos leitores vivenciar novas experiências, de modo que seu ensino constitui um direito do homem.

1.2 Letramento literário

Trataremos o ensino de Literatura no âmbito daquilo que se convencionou chamar de letramento literário. Em outras palavras, compreendemos o letramento como um direito, assim como também entendemos o ser o letramento literário.

Para Magda Soares (2003, p. 03), o letramento designa práticas de leitura e escrita, isto é, trata-se da aquisição da habilidade de ler e escrever como a apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a ela relacionadas. O termo não significa apenas decodificar palavras, mas saber como usá-las para nos comunicar com outras pessoas.

Rildo Cosson (2006, p. 11), por seu turno, destaca que existem diferentes níveis de letramento. Observamos, por exemplo, na sociedade brasileira, que mesmo a pessoa considerada analfabeta pode utilizar a linguagem escrita: ela pode reconhecer o roteiro de um ônibus, uma placa na rua ou pedir para alguém ler uma notícia de jornal.

E como as práticas da escrita são diversificadas, há uma pluralidade de letramentos. Por isso, encontramos expressões, como letramento digital, letramento visual, letramento financeiro e também letramento literário.

O letramento literário transcende o uso social da escrita, vai além de ler textos literários: é uma experiência de dar sentido ao mundo por meio de palavras, um exercício de construção e reconstrução de sentidos. Sobre esse processo, Cosson (2006, p.12) declara:

O letramento literário, conforme o concebemos, possui uma configuração especial. Pela própria condição de existência da escrita literária, [...] o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade.

O letramento literário é então fundamental no processo educativo porque ele não consiste apenas no ato de ensinar a ler, e sim em fornecer os meios necessários para conhecer e interagir com competência no mundo em que vivemos.

Quando lemos ou escrevemos um texto literário, encontramos a nossa própria identidade e a da comunidade de que fazemos parte. Assim, a literatura nos revela quem somos e nos impulsiona a desejar e a expressar o mundo da nossa forma. É uma experiência que nos permite saber das vivências de outras pessoas e, além disso, participar dessa experiência. Nesse sentido, ela prova ser muito mais que um conteúdo escolar a ser ensinado.

Na perspectiva do letramento literário, o objetivo não é unicamente o conhecimento de características de gêneros literários, mas a compreensão e a resignificação desses textos, conduzida pela motivação que envolve o professor e os alunos. O ensino de literatura precisa de um processo de “escolarização”, mas não de forma descaracterizada e que negue sua função. Conforme Soares:

Não há como evitar que a literatura, qualquer literatura, não só a literatura infantil e juvenil, ao se tornar “saber escolar”, se escolarize, e não se pode atribuir, em tese, [...] conotação pejorativa a essa escolarização, inevitável e necessária; não se pode criticá-la, ou negá-la, porque isso significa negar a própria escola [...]. O que se pode criticar, o que se deve negar *não* é a escolarização da literatura, mas a inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendida que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o. (2011, p. 22).

Nesse sentido, o letramento literário é uma estratégia, um direcionamento sistemático para a ampliação da educação literária que deve ser oferecida aos alunos a fim de torná-los leitores proficientes.

Ademais, o processo de letramento literário apresenta três modos de compreender a leitura, mencionados por Cosson (2006): *antecipação, decifração e interpretação*:

- A) Antecipação: consiste nas várias operações que o leitor realiza antes de entrar no texto propriamente dito. Estas são relevantes para o objetivo da leitura, como elementos que compõem a materialidade do texto, como capa, título, número de páginas, entre outros.
- B) Decifração: significa entrar no texto através das letras e das palavras, constitui o momento de decodificação do próprio texto.
- C) Interpretação: denota sentido nas relações estabelecidas pelo leitor quando este processa o texto, são as inferências que levam o leitor a entretecer as palavras com o conhecimento que tem do mundo.

Dessa forma, o letramento literário precisa acompanhar, por um lado, as três etapas da leitura e, por outro, o saber literário relacionado à função de humanização da literatura.

O ambiente escolar precisa ser agente nesse processo, favorecendo oportunidades e incentivando seus alunos em práticas e projetos que não se restrinjam apenas ao ato de ler e escrever, como meros reprodutores de sentidos, mas que formem leitores comprometidos com a transformação da realidade. Isso pode ser alcançado por meio do letramento literário.

É também indispensável a presença do professor que deseja fazer do letramento literário uma atividade significativa para si e para a vida de seus alunos, aplicando uma metodologia de ensino que busque ampliar e fortalecer os estímulos da leitura literária.

2 METODOLOGIA

Neste estudo, aplicou-se a metodologia de intervenção proposta na teoria da pesquisa-ação baseada nos estudos de Michel Thiollent (2011 p. 20), para quem:

[...] A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Esse percurso metodológico buscou seguir o modelo de fases também proposto por Thiollent (2011):

Quadro 1: Fases e ações realizadas na pesquisa-ação

Fases da pesquisa	Ações realizadas
Fase exploratória – diagnóstica	Escolha da turma Levantamento do problema e hipóteses
O tema da pesquisa	O ensino de literatura e as novas tecnologias Abordagem específica sobre poema
A colocação dos problemas	Por que os alunos apresentam desinteresse pela leitura de textos literários?
O lugar da teoria	Letramento literário. (COSSON 2006) A estratégia da reprodutibilidade transformativa. (RODRIGUES 2014)
Hipóteses	Prática de ensino de literatura mediado pelas novas tecnologias
Campo de observação	Sala de aula
Coleta de dados	Leitura, produção textual, imagens e videopoema.
Aprendizagem	Aprendizagem formal do gênero literário poema
Plano de ação	Leitura do texto literário Resignificação do poema por meio de imagens e produção de vídeos
Divulgação externa	Reflexão sobre a pesquisa durante o mestrado e redação da dissertação não apenas como registro.

Fonte: Metodologia da pesquisa-ação. Michel Thiollent.2011

No contexto de sala de aula, a proposta didática é organizada a partir de uma sequência básica de etapas de ensino, citada por Cosson (2006). Vejamos:

- a) **Motivação:** etapa de preparação do aluno para o contato com o texto literário. Nela cria-se uma situação que permite uma interação melhor entre leitor e obra.

- b) Introdução: apresentação do autor e obra, que não deve ser longa ou expositiva.
- c) Leitura: neste momento, o professor realiza o acompanhamento do processo de leitura para auxiliar os alunos em suas dificuldades, como também atividades de intervalo, que consistem em comentários e diálogo com outros textos.
- d) Interpretação: divide-se em dois momentos:
 - Momento interior: consiste na decifração, que é a apreensão global da obra.
 - Momento externo: é a concretização, a materialização da leitura, um ato de registro em construção de sentidos em uma determinada comunidade.

Essas sequências serviram apenas de norte para os trabalhos realizados em sala de aula. Não se trata de etapas que devem ser rigidamente seguidas. Atualmente há muitas críticas em torno das chamadas “sequências didáticas”. Muitas delas, evidentemente, têm fundamento, mas trabalhar um texto literário sem uma organização mínima não constitui os propósitos do presente trabalho. Por isso mesmo entendemos que as “sequências” devem figurar nos planos de aula, mas de maneira flexível de modo a adaptar-se não apenas ao ambiente específico que é a sala de aula, mas também às contingências ou aos acidentes que devem ser levados em conta no processo de ensino-aprendizagem. Assim, na fase de interpretação, após a interpretação global (A), utilizamos a Estratégia da Reprodutibilidade Transformativa para a produção de videopoemas.

2.1 A Estratégia da Reprodutibilidade Transformativa

O ensino de Literatura, em diálogo com as novas tecnologias, pode ser realizado por meio de diferentes ações ou estratégias. Nessa perspectiva e com a proposta de dar um direcionamento teórico à aplicação prática deste trabalho, fundamentaremos nosso estudo na Estratégia de Reprodutibilidade Transformativa³.

Essa metodologia se fundamenta basicamente em quatro concepções: a primeira delas é o conceito de Modernidade de Baudelaire (2011), mais precisamente, a maneira como o autor concebe a articulação entre a tradição e a novidade. A segunda delas se baseia no

³ Esta estratégia foi desenvolvida pelo Prof. Dr. Lucilo Antonio Rodrigues em projeto de pesquisa (2011-2014) com recursos do CNPQ.

conceito de reprodutibilidade técnica, observada por Valter Benjamim (2012)⁴ e a terceira, no conceito de reprodução/transformação formulado por Pêcheux (1996)⁵ a partir do conceito de ideologia proposto por Althusser (1996). Um dos aspectos mais relevantes da proposta de Pêcheux (1996), que encontra ecos nos conceitos de Baudelaire (2011) e de Benjamin (2012), é o fato de que em toda transformação há uma reprodução. Ou seja, para o autor, a reprodução é condição necessária para que ocorra a transformação.

A quarta concepção diz respeito à diferenciação entre imagem técnica e tecnológica, proposta por Lúcia Santaella (2012)⁶. A partir dessa diferenciação, Rodrigues (2014) postula também uma diferenciação entre a técnica, que é histórica, e a tecnologia digital, que seria a-histórica.

Apontada também por Rodrigues (2014), a Estratégia da Reprodutibilidade Transformativa (ERT) pode ser definida como um processo de intervenção dialógico-iterativa que tem por objetivo provocar interações repetitivas, envolvendo, pelo menos, dois sistemas, cujos processos de reprodutibilidade são diferentes.

No contexto escolar, essa estratégia consiste em confrontar dois sistemas diferentes: a realidade da sala de aula tradicional, caracterizada por mudanças graduais e a realidade fugaz das tecnologias digitais caracterizada pela alta velocidade dos processos e pelo elevado grau de obsolescência. Nesse sentido, o uso da referida estratégia no ensino de Literatura, restringiu-se na leitura, interpretação e ressignificação de poemas de Mário Quintana, por meio de imagens coletadas em um banco digital (*Wikimedia Commons*) e na intervenção da técnica artesanal (saber pintar, desenhar, recortar, etc.) nas imagens impressas.

⁴ O conceito de aura permite resumir essas características: o que se atrofia na era da reprodutibilidade técnica da obra de arte é sua aura. Esse processo é sintomático, e sua significação vai muito além da esfera da arte. *Generalizando, podemos dizer que a técnica da reprodução destaca o domínio da tradição o objeto reproduzido.* Na medida em que ela multiplica a reprodução, substitui a existência única da obra por uma existência massiva. E, na medida em que essa técnica permite à reprodução vir ao encontro do espectador, em todas as situações, ela atualiza o objeto reproduzido. Esses dois processos resultam num violento abalo da tradição, que constitui o reverso da crise atual e a renovação da humanidade. (BENJAMIN, p.2012, p. 182-183)

⁵ Ao escrever “reprodução/transformação, pretendo designar o caráter intrinsecamente contraditório de *qualquer modo de produção que se baseie numa divisão de classes, isto é, cujo “princípio” seja a luta de classes.* Isso significa, em particular que considero um erro localizar em pontos diferentes, de um lado, aquilo que contribui para a reprodução das relações de produção e, de outro, o que contribui para a sua transformação: a luta de classes perpassa o modo de produção como um todo, o que, no campo da ideologia, significa que a luta de classes “passa” pelo que Althusser chamou de Aparelhos Ideológicos de Estado. (PÊCHEUX, 1996, p. 143).

⁶ No que diz respeito à distinção entre técnica e tecnologia, enquanto a primeira se caracteriza por habilidades que são introjetadas pelo indivíduo, a tecnologia envolve um dispositivo, aparelho ou máquina que é capaz de encarnar, fora do corpo humano, um saber técnico, um conhecimento científico acerca das habilidades técnicas específicas. Por isso, pode-se afirmar que a tecnologia é filha da revolução industrial. (SANTAELLA, 2012, p. 71).

Buscou-se o equilíbrio dessas duas práticas, o uso da tecnologia e o saber técnico. Dada a importância de ambas, convém diferenciá-las, também para uma melhor compreensão de reprodutibilidade técnica e a tecnológica. A técnica é o modo como algo é realizado por indivíduos, enquanto a tecnologia “[...] envolve um dispositivo, aparelho ou máquina que é capaz de encarnar, fora do corpo humano, um saber técnico, um conhecimento científico acerca de habilidades técnicas específicas” (SANTAELLA, 2012, p. 71).

Existem três tipos de reprodutibilidade:

Quadro 2: Tipos de reprodutibilidade

	Meios	Impactos
Reprodutibilidade Artesanal (RA)	Retrato (quadro), caneta, lápis, livro manuscrito, iluminuras.	1) Arte criativa, mas a técnica é individual, a transmissão é feita de indivíduo para indivíduo, por isso o impacto social é baixo; 2) O grau de transformação é baixo; 3) Favorecimento do culto à obra original; 4) Os produtos dificilmente são descartados.
Reprodutibilidade Técnica (RT)	Imprensa, máquina fotográfica.	1) Induz a novos desenvolvimentos técnicos e à criatividade. Por não ser individual, possibilita grande impacto social; 2) Possibilita um alto grau de transformação; 3) Aos poucos as técnicas vão envelhecendo e perdendo o potencial de transformação; 4) Com o passar do tempo, algumas obras passam a ser objeto de culto; 5) O processo de obsolescência é lento.
Reprodutibilidade Tecnológica (RTL)	Facebook, Moodle, computador, games, tablet, Smartphone.	1) Dificulta o desenvolvimento de novas técnicas; 2) Alta velocidade; 3) Baixo grau de interações sociais efetivas; 4) Potencializa o culto à tecnologia e às celebridades; 5) O processo de obsolescência é rápido.

Fonte: A estratégia da reprodutibilidade transformativa. RODRIGUES. Projeto de Pesquisa CNPQ/UEMS - 2011-2014.

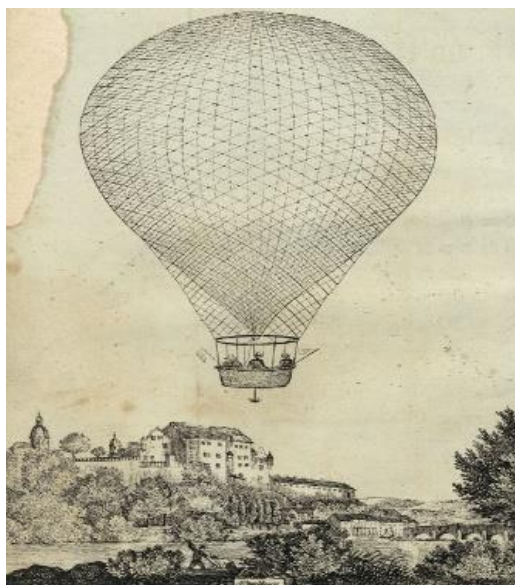
Vale ressaltar que qualquer ação envolve um ou mais tipos de reprodutibilidade técnica. Por exemplo, fazer um desenho necessita de um grau elevado de reprodutibilidade artesanal, enquanto um desenho no *Paint* exige um grau mais elevado de reprodutibilidade tecnológica.

Além disso, a Estratégia de Reprodutibilidade Transformativa, por ser um processo iterativo e circular, pode apresentar configurações inumeráveis. Vejamos um exemplo envolvendo imagens técnicas e tecnológicas (realizadas neste trabalho):

- a) **Reprodutibilidade Artesanal/Reprodutibilidade Técnica (RA/RT):** imagem de um balão originalmente desenhada à mão (RA) e provavelmente publicada em um jornal da época (RT).
- b) **Reprodutibilidade Tecnológica (RTL):** imagem digital de um balão em um arquivo da Wikimédia Commons.
- c) **Reprodutibilidade Artesanal (RA):** técnica artesanal de pintura com lápis de cor, canetinha e tinta guache.

Observe-se a figura a seguir, como exemplo desse processo:

Figura 1: Balão



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Balloon_Charles_Green_1836.jpg

A imagem representa um balão, um tipo de aeróstato que permanece no ar, um dos mais antigos veículos da humanidade. Esse balão recebeu o nome de Royal Vauxhall e percorreu uma distância de 608 km, considerada um recorde para a época em que foi criado

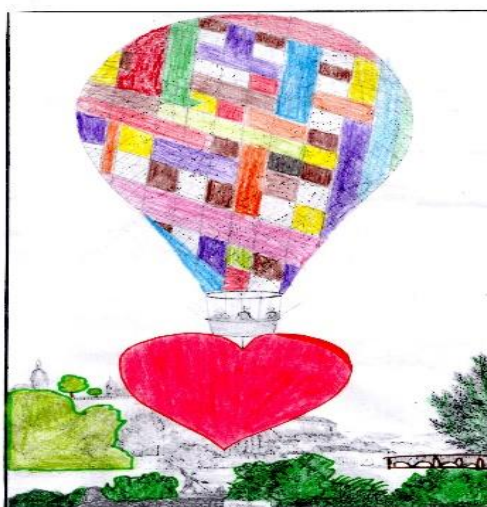
(1836). A Figura 1 é uma imagem tecnológica, por ser digitalizada e disponibilizada em um site, *Wikimedia Commons*, ao lado de outras imagens de balões de diferentes épocas, por isso apresentada fora de seu contexto, tratando-se apenas de uma lembrança.

Qual seria a inovação se um professor pedisse aos alunos para pintarem esse balão usando o *Paint*? O resultado seria igual, um objeto tecnológico, e o fazer técnico seria indireto, já que a máquina conteria todas as opções de reprodutibilidade, como *Photoshop*, utilizado para edição de imagens.

Entretanto, torna-se necessário sair desse contexto RTL. Seria importante, pois, operar uma intervenção na progressão tecnológica e provocar o surgimento de habilidades peculiares. Para Rodrigues (2014), isso significa introduzir uma técnica (saber fazer) na tecnologia. Uma maneira de aplicar essa intervenção seria imprimir a figura do balão em uma impressora e pedir para os alunos pintarem. Essa operação envolve as seguintes ações: a) saber fazer uma pesquisa específica na internet (RTL), b) saber imprimir usando impressora (RT) e pintar o balão, utilizando lápis de cor, canetinhas e guache (RA).

Dessa forma, ocorreria o diálogo entre três espaços, o tecnológico, o técnico e o artesanal; ou seja, uma verdadeira interlocução entre máquina e homem. A próxima etapa será a digitalização do desenho pintado à mão (RTL/RT) (Figura 2). Nesse processo, também temos uma imagem tecnológica (RTL), mas com uma notável diferença: um produto criado a partir do confronto entre dois espaços de reprodutibilidade, podendo-se afirmar que esse tipo de criação promove a criatividade e a inovação.

Figura 2



No trabalho mencionado, a nova imagem do balão refere-se ao poema “Bilhete”, de Mário Quintana (1980), especificamente ao último verso: “[...] que a vida é breve, e o amor mais breve ainda”. A figura também foi utilizada como frame na criação de um videopoema criativo e inédito porque não se trata de uma simples colagem de imagens disponíveis na internet.

3 ATIVIDADE DESENVOLVIDA

A proposta interventiva foi realizada com alunos do 9º ano da turma A do Ensino Fundamental da Escola Estadual Olinda Conceição Teixeira Bacha durante os 1º e 2º bimestres de 2017. Nesse período letivo, o conteúdo pedagógico foi fundamentado no Referencial Curricular de Ensino para Mato Grosso do Sul do Ensino Fundamental, que indicava a produção e a prática de leitura de textos poéticos, linguagem denotativa e conotativa e figuras de linguagem.

Antes de iniciar as atividades, esclarecemos o objetivo da nossa proposta e como ocorreria o processo de avaliação, informando que a proposição faz parte de um projeto de mestrado realizado pela professora.

A proposta didática foi organizada com uma sequência de etapas de ensino, conforme a metodologia de Cosson (2006). No primeiro momento, chamado por ele de *motivação*, exibimos o filme “Sociedade dos poetas mortos”, dirigido por Peter Weir (1989). O filme conta a história de uma turma de alunos adolescentes de uma escola tradicional da Inglaterra, que descobre nas aulas de Literatura o mundo deslumbrante da poesia.

Após essa exibição, foram levantadas algumas questões para discussão e reflexão:

- O que é literatura e sua importância?
- O que é poesia?
- O que é poema?
- Qual a diferença entre poesia e poema?

Percebemos que a maioria dos alunos entendia poema e poesia como sinônimos, assim como notamos que o termo literatura não é bem compreendido, principalmente porque não compõe uma disciplina na grade curricular dessa etapa de ensino.

Isso despertou grande curiosidade entre eles, que fizeram questionamentos sobre “o que é literatura e por que temos que estudá-la?” Gerou-se também uma polêmica na sala de aula em torno de notícia publicada recentemente na mídia (principalmente televisão e redes sociais) sobre a retirada da disciplina da grade curricular do Ensino Médio em Mato Grosso do Sul.

Expliquei que essa mudança faz parte da reforma do Ensino Médio proposta pelo Governo Federal e que os professores também ficaram surpresos com a notícia. Além disso, informei que a Literatura foi integrada ao ensino de Língua Portuguesa.

Em um segundo momento, foi apresentado um vídeo retirado do Youtube “Mário Quintana: vida e obra” (Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=t21jz0KK1Lw&t=594s>), além de discutidas as principais características literárias do poeta. Depois, foi apresentado também o livro “Mário Quintana, poemas para ler na escola” de Regina Zilberman (2012), de onde foi retirada a maioria dos poemas que estudamos.

A escolha pelos poemas de Mário Quintana justificou-se, principalmente, pelo fato de o poeta ser um dos mais populares do Brasil. Outro aspecto que pesou em nossa decisão foi a própria natureza das composições do poeta: uma poesia que revela a essência das coisas mais simples. Segundo Zilberman (2012, p. 14):

[...] Há, no espaço desenhado por Quintana, a pureza daquilo que permaneceu intocado pelo homem; por isso, vivenciam-na melhor as crianças, expressam-na os jovens, as moças adolescentes sendo comparadas a arvoretinhas crescendo ou a um “friso de antílopes” e “de bambus ao vento”.

A simplicidade e a pureza dos poemas de Quintana associados a um complexo labor literário ajudaram a aproximar o texto ao cotidiano vivenciado pelos estudantes. Na terceira fase, foram disponibilizadas, para leitura, cópias para cada aluno do texto a ser trabalhado, visto que reconhecemos a deficiência de material literário nas escolas e a falta, na biblioteca, de um exemplar do livro para cada estudante, considerando ainda a dificuldade para a aquisição dos referidos textos pelos próprios discentes. Além disso, por outra vertente, consideramos a facilidade de pesquisar e encontrar na internet os poemas de Quintana.

Após a distribuição do texto, fiz a leitura em voz alta com o acompanhamento dos alunos. Sobre essa prática de leitura, Goldstein (2007, p. 04) explica que:

A poesia tem um caráter de oralidade muito específico, ela foi feita para ser falada, recitada. Mesmo que estejamos lendo um poema silenciosamente, perceberemos seu lado musical, sonoro, pois nossa audição capta a articulação (modo de pronunciar) das palavras do texto.

Haja vista essa importância da oralidade nos textos poéticos, a leitura de cada poema foi feita mais de uma vez e pausadamente, para que os alunos conseguissem perceber recursos – como efeito rítmico, rimas e sonoridade – que Mario Quintana usava em alguns dos seus versos.

Foram trabalhados os seguintes poemas: *O bilhete*, *Poeminha do contra*, *Cidadezinha cheia de graça*, *Guerra* e *Os poemas*, que serão apresentados a seguir:

Bilhete

Se tu me amas, ama-me baixinho
 Não o grites de cima do telhado
 Deixa em paz os passarinhos
 Deixa em paz a mim!
 Se me queres,
 Enfim,
 Tem de ser bem devagarinho, Amada,
 Que a vida é breve, e o amor mais breve ainda.

Poeminha do contra

Todos esses que aí estão,
 Atravancando o meu caminho
 Eles passarão...
 E eu passarinho!

Cidadezinha cheia graça

Cidadezinha cheia de graça...
 Tão pequenina que até causa dó!
 Com seus burricos a pastar na praça...
 Sua igreja de uma torre só...

Nuvens que venham, nuvens e asas,
 Não param nunca nem um segundo...
 E fica a torre, sobre as velhas casas,
 Fica cismando como é vasto o mundo!...

Eu que de longe venho perdido,
 Sem pouso fixo (a triste sina!)
 Ah, quem me dera ter lá nascido!

Lá toda vida poder morar!
 Cidadezinha... tão pequenina
 Que toda cabe num só olhar...

Guerra

Em tempos de guerra
 Aviões abatidos
 São cruzeiros caindo do céu

Os poemas

Os poemas são pássaros que chegam
 Não se sabe de onde e pousam
 No livro que lê.
 Quando fecha o livro, eles alçam voo
 Como de um alçapão.
 Eles não têm pouso
 Nem porto
 Alimentam-se um instante em cada par de mão
 E partem.
 E olhas, então, essas tuas mãos vazias,
 No maravilhado espanto de saberes
 Que o alimento deles já estava em ti...

Após a leitura de cada poema, chegamos à terceira fase, chamada de interpretação. Nela provocamos uma discussão entre os alunos, favorecendo a interpretação individual e a coletiva de cada texto, com a revelação dos sentidos possíveis para cada um de forma a conduzi-los a perceber, por meio de questionamentos, elementos como o inesperado e o imprevisível, assim como as características que se inserem nos poemas, mesmo nos mais curtos, e a força poética, particularidade da literatura de Quintana. Foram analisados elementos pertinentes a poemas, como:

Versos e estrofes

Rimas e ritmo

Métrica

Linguagem poética

Considerando que os conteúdos figuras de linguagem e sentido denotativo e conotativo ainda eram desconhecidos pela maioria dos alunos, estes foram trabalhados de forma paralela ao projeto. A turma tem seis aulas semanais de Língua Portuguesa, de 50

minutos cada, encontros que foram organizados juntamente à coordenação pedagógica da escola da seguinte maneira: duas aulas destinadas ao ensino de gramática, duas para leitura e produção textual e duas para a realização deste projeto.

Ainda na terceira fase, mas no momento de exteriorização e após a compreensão e decifração dos textos, as aulas passaram a ser em outro ambiente: na STE (Sala de Tecnologia Educacional). Lá, os alunos foram orientados a pesquisarem imagens no site *Wikimedia Commons* que estivessem relacionadas ao sentido que eles atribuíram aos poemas lidos em sala de aula.

A turma é composta por 35 alunos, que foram divididos em duplas e até mesmo em trios, porque não havia um computador funcionando para cada aluno⁷. Reconhece-se a realidade das escolas públicas em relação à infraestrutura dos laboratórios de informática e a falta de capacitação que muitos docentes enfrentam para atuarem com mais autonomia e segurança, de modo a integrarem as tecnologias à educação.

Ainda nessa fase, dedicamos uma atenção especial a alguns alunos que apresentavam dificuldades em usar o computador, como saber pesquisar e salvar na pasta criada para a turma, disponível no servidor. Ainda houve problemas com os equipamentos periféricos: mouse que não funcionava, teclados com defeitos, cabos que não conectavam e conexão lenta e instável à internet.

Nessa etapa, contei com a ajuda de um aluno que se destacava no conhecimento em informática. Atribuí-lhe a função de monitor, e ele auxiliava com o atendimento aos demais alunos. Foram em média dez aulas na STE, quando os poemas foram divididos por duplas ou trios, que tinham que pesquisar uma imagem que fazia referência a cada verso do poema selecionado.

Em seguida, voltamos para a sala de aula. As imagens foram impressas em papel sulfite A4, em preto e branco, e entregues aos alunos para produzirem novas características nas imagens que selecionaram. Eles utilizaram diversos recursos: lápis de cor, canetinhas, tinta guache, giz de cera, cola glitter, areia, algodão, pedaços de folhas e galhos de árvore, recortes de revistas, tesoura, cola e pincéis. Na medida em que as imagens ficavam prontas, elas eram entregues à professora, que as digitalizava por meio de uma impressora multifuncional, disponível na escola, e as arquivava para a criação de um videopoema.

⁷ A escola dispõe de duas salas de tecnologia, sendo que no total são 40 computadores, mas tínhamos apenas 20 funcionando na data da realização deste trabalho.

Diferentes programas podem ser usados na criação de um videopoema. Dentre eles, o que utilizamos foi o Windows Movie Maker, um software da Microsoft criado para a feitura de vídeos simples. Como exemplificação, descrevo o processo do videopoema “Os poemas”, de Mário Quintana (1983).

Aberto o Windows Movie Maker, iniciou-se o processo de criação de vídeo. Adicionou-se o frame, referente ao poema, em um slide. Depois, inseriu-se uma legenda, neste caso os versos do poema, e um fundo musical previamente escolhido pelos alunos e professora. Para esse videopoema utilizamos a música Alvorada, do CD Melodia dos pássaros (NATURE PROJECT, 2013). Estabeleceu-se ainda a duração e a forma de transição dos slides. O videopoema foi construído com 15 slides, cujo processo de criação foi desenvolvido no laboratório de informática da escola por dois alunos que apresentavam mais interesse e instrução na área de informática, sob supervisão da professora. Posteriormente, pretende-se publicá-lo em um site de compartilhamentos de vídeos, o Youtube.

Nessa etapa, percebemos que, motivado pela proposta da estratégia de reprodutibilidade transformativa, o trabalho desenvolvido apresenta o confronto da tecnologia (pesquisa no site *Wikimedia Commos* e criação de vídeo no *Windows Movie Maker*) e a historicidade da sala de aula, assim como apresenta Rodrigues (2014, p. 07):

Em nossa proposta o importante é confrontar a velocidade da tecnologia com a historicidade da sala de aula, de modo a produzir, simultaneamente dois resultados: a diminuição da velocidade da tecnologia e o aumento da velocidade da sala de aula. Este tipo de intervenção pode ser feito de diferentes modos, dependendo dos recursos disponíveis e do contexto em que se insere cada curso.

Como vimos, a estratégia de reprodutibilidade transformativa possibilita inúmeras práticas para trabalhar a literatura na escola, de modo a vivenciar o contexto da sala de aula e o uso das novas tecnologias, buscando assim a aproximação com o texto literário.

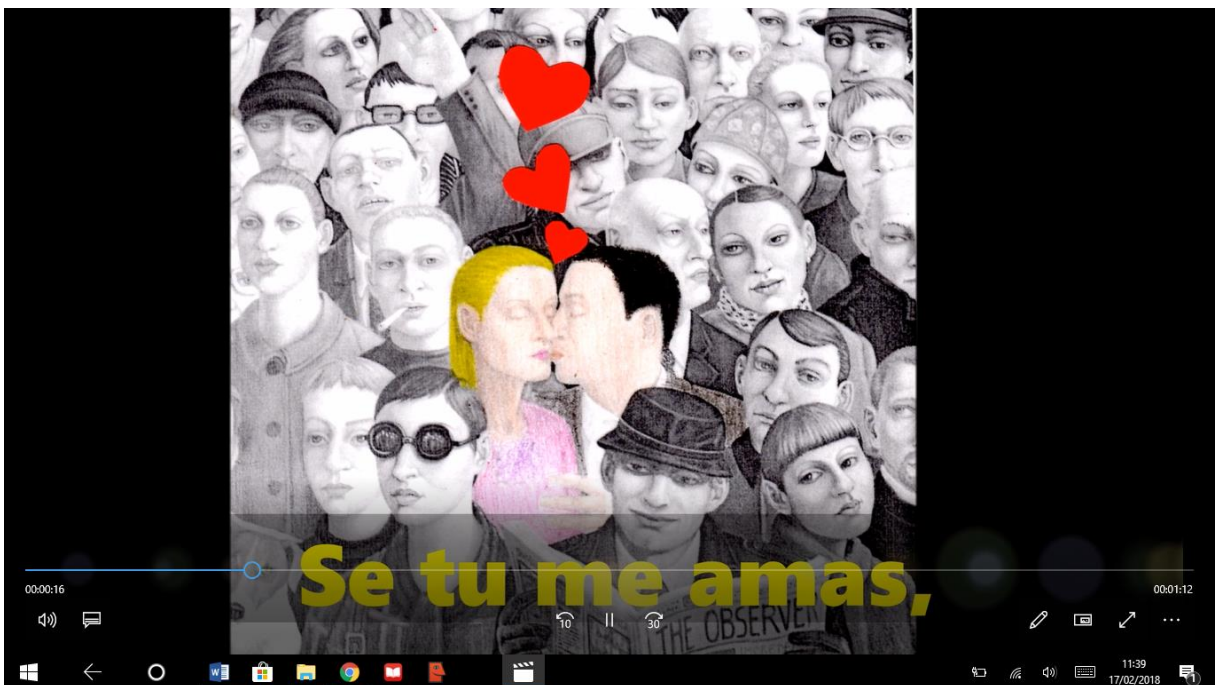
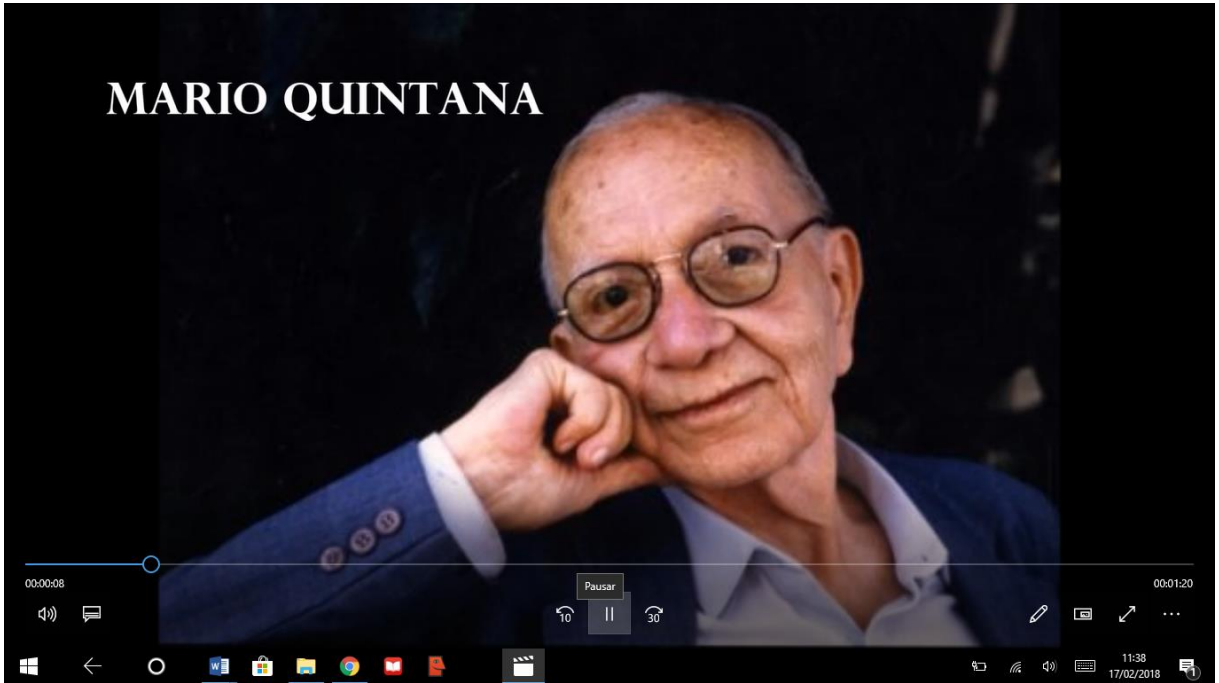
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

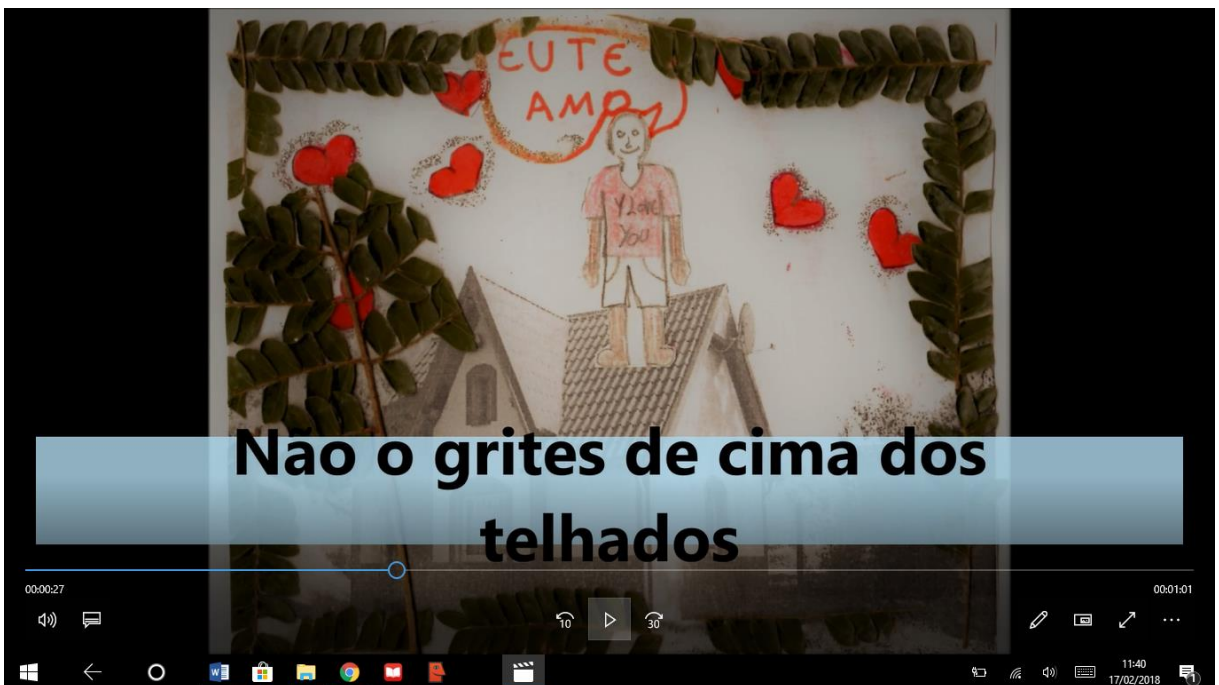
Como já referido, apresentamos um trabalho realizado em sala de aula com os poemas de Mário Quintana pelos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Olinda Conceição Teixeira Bacha, de Campo Grande-MS, embasados em estudos sobre letramento literário e aplicando a estratégia de reprodutibilidade transformativa.

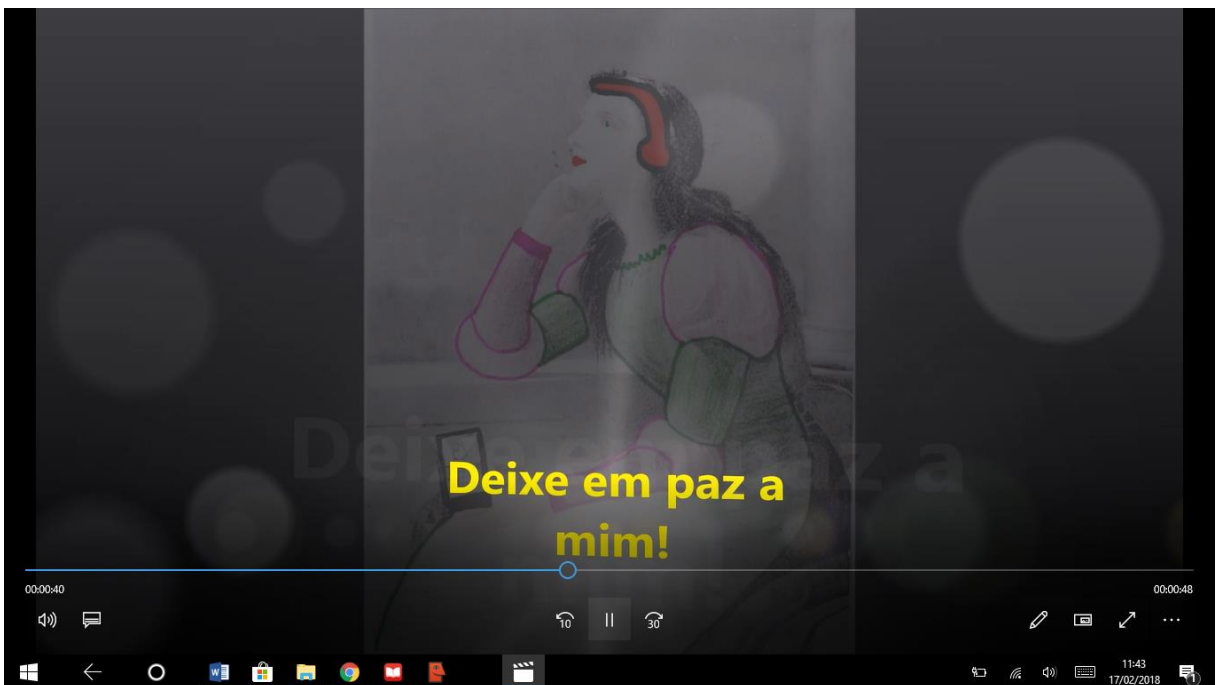
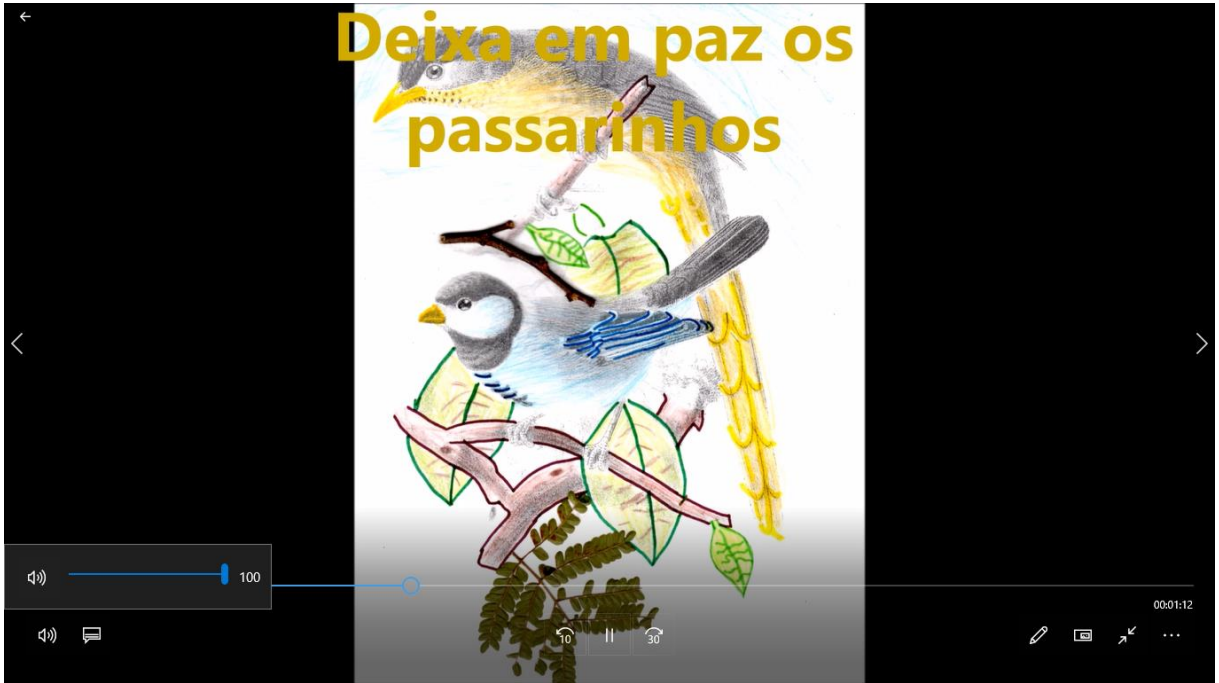
As imagens apresentadas na sequência são produtos do processo de intervenção manual aplicado às imagens impressas. Cada uma, respectivamente, representa um frame do videopoema (exceto dos poemas *A guerra* e *Poeminha do contra*).

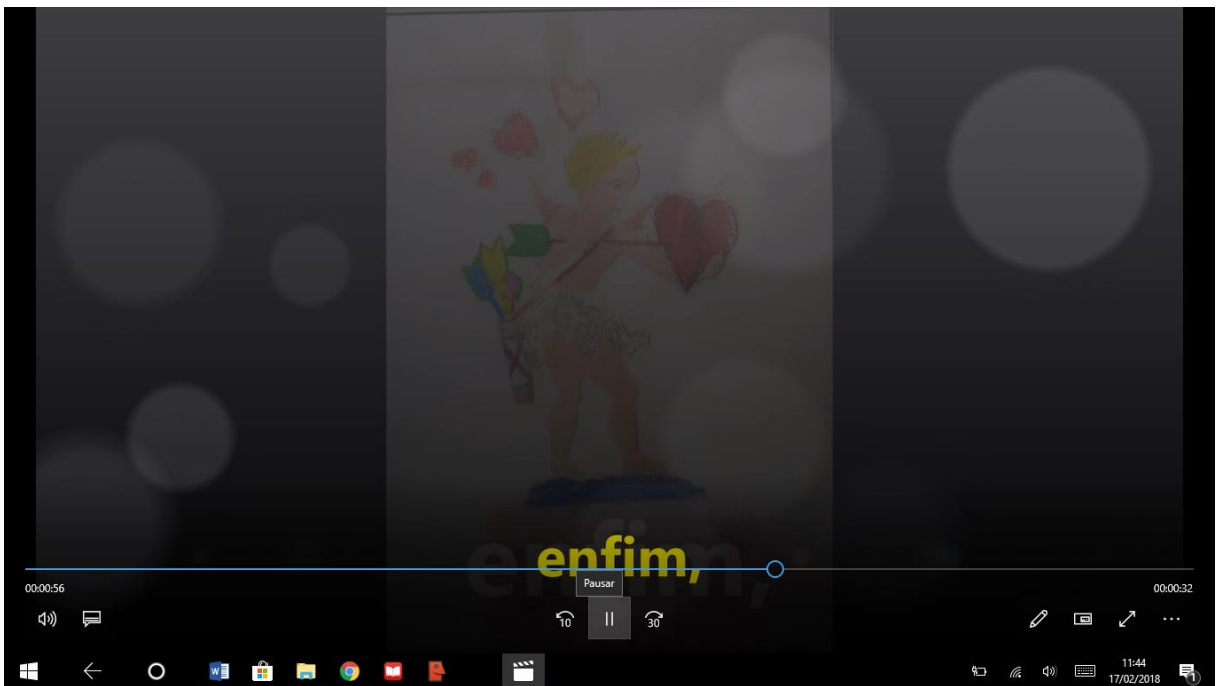
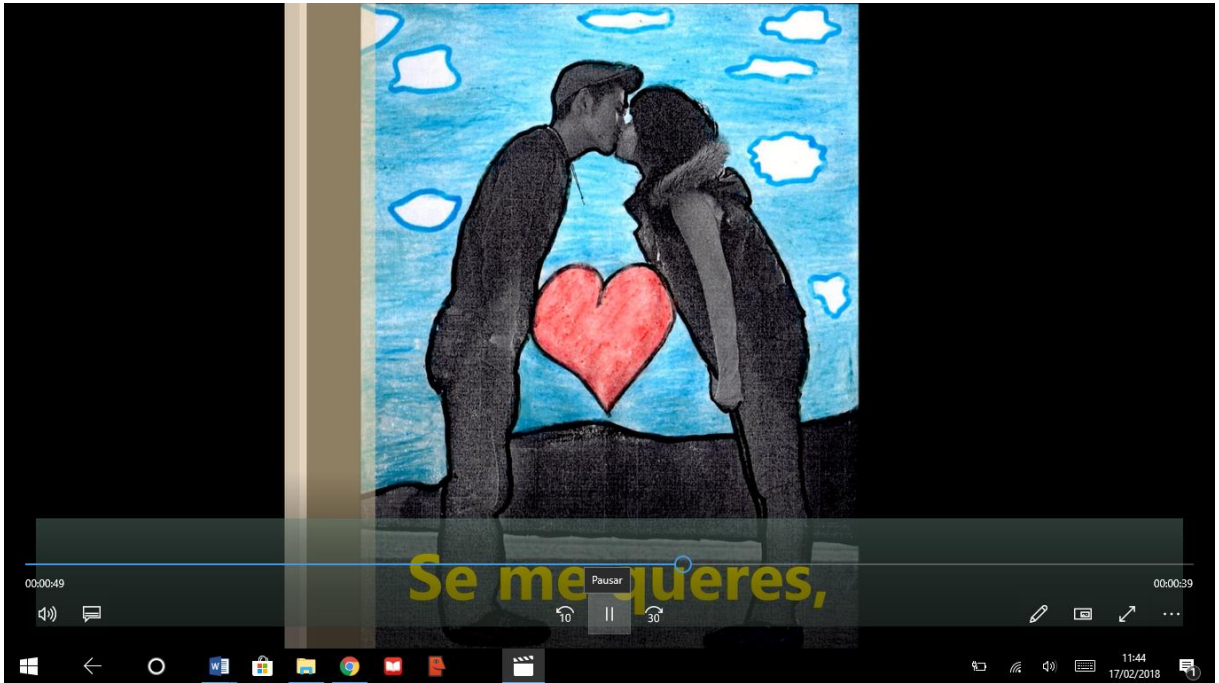
Poema: O Bilhete

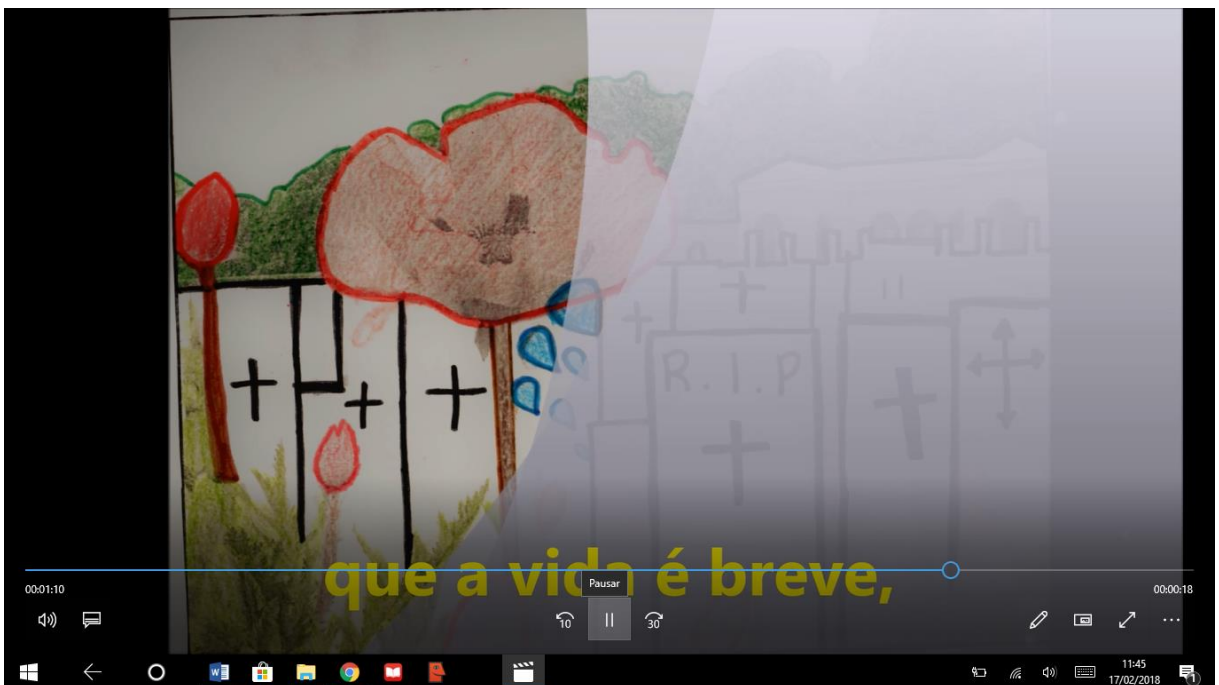


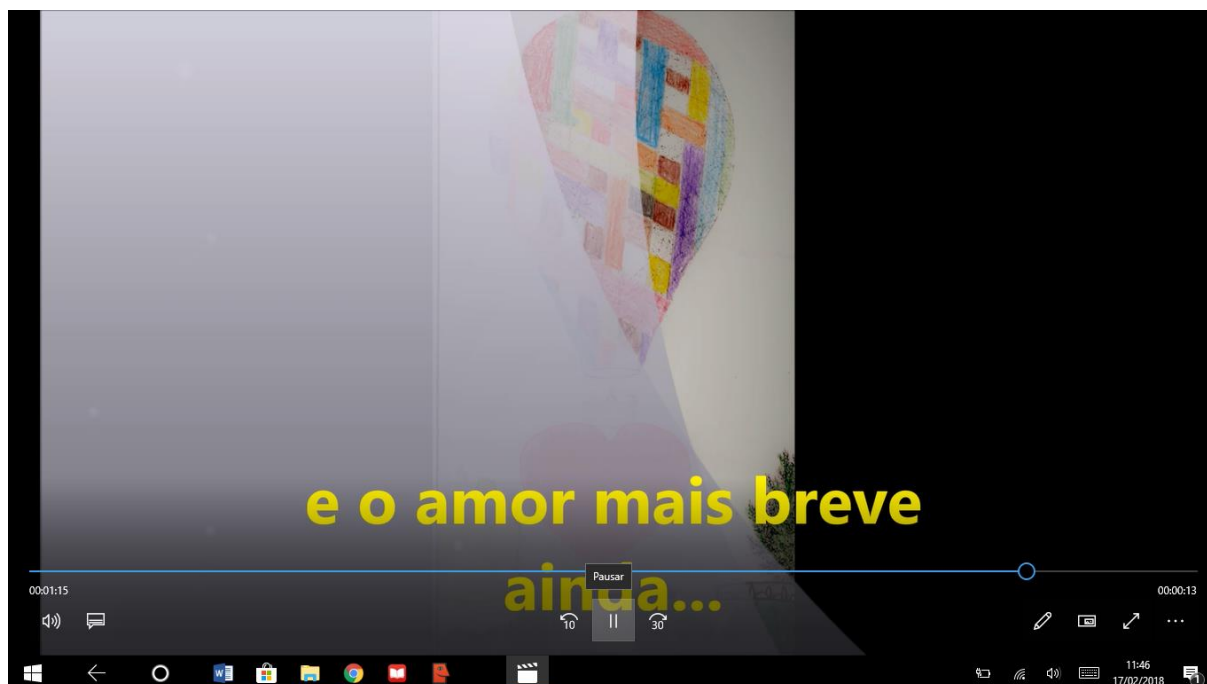












Podemos classificar a produção feita por esses alunos como sendo uma reprodutibilidade técnica/ artesanal/ reprodutibilidade tecnológica (RTL/RT/RA/RTL) pois as mesmas foram retiradas da internet do site Wikimedia Commons (RTL) e impressas em uma impressora (RT), levadas a sala de aula onde sofreram diferentes intervenções manuais dentre elas: desenho, escrita, pintura, contorno, recorte e colagem (RA), scaneadas e editadas para a produção de um vídeo poema (RTL).

No poema o bilhete, o próprio título sugere que foi escrito para alguém, provavelmente uma mensagem para sua amada. Mario Quintana expressa a sua forma secreta de amar, ele prefere a discrição, em seus versos diz que não quer que sua vida amorosa seja divulgada e exposta a todos e escolhe que o amor seja vivido unicamente por ele e sua amada e que devem aproveitar cada momento porque vida é passageira e o amor é mais ainda.

Os alunos musicalizaram de forma simples e espontânea o poema, eles gravaram o áudio com voz e violão e para o processo de captação do som usaram o celular. A gravação foi utilizada como fundo musical deste videopoema. Não se trata de uma composição feita em estúdio, mas no contexto escolar. Considerando que a nossa proposta é aproximá-los do texto literário.

No frame “não o grites de cima dos telhados” a legenda foi feita em letras garrafais e na cor preta o que provocou um efeito paródico no verso do poema, conversei com os alunos sobre este recurso que utilizaram e numa forma de diálogo sem imposição resolvemos mudar a

forma e a cor da fonte e igualar com as dos outros frames do poema, sendo que a música tem um tom sério e não caberia uma paródia.

Quando trabalhamos este poema na sala de aula logo percebemos que os alunos se identificaram com o eu lírico, pois mesmo cercados de aparatos tecnológicos e acostumados a exposição de suas vidas pessoais nas redes sociais quando se trata de sentimentos, como o amor, eles preferem a discrição assim como Quintana.

Poema: Cidadezinha

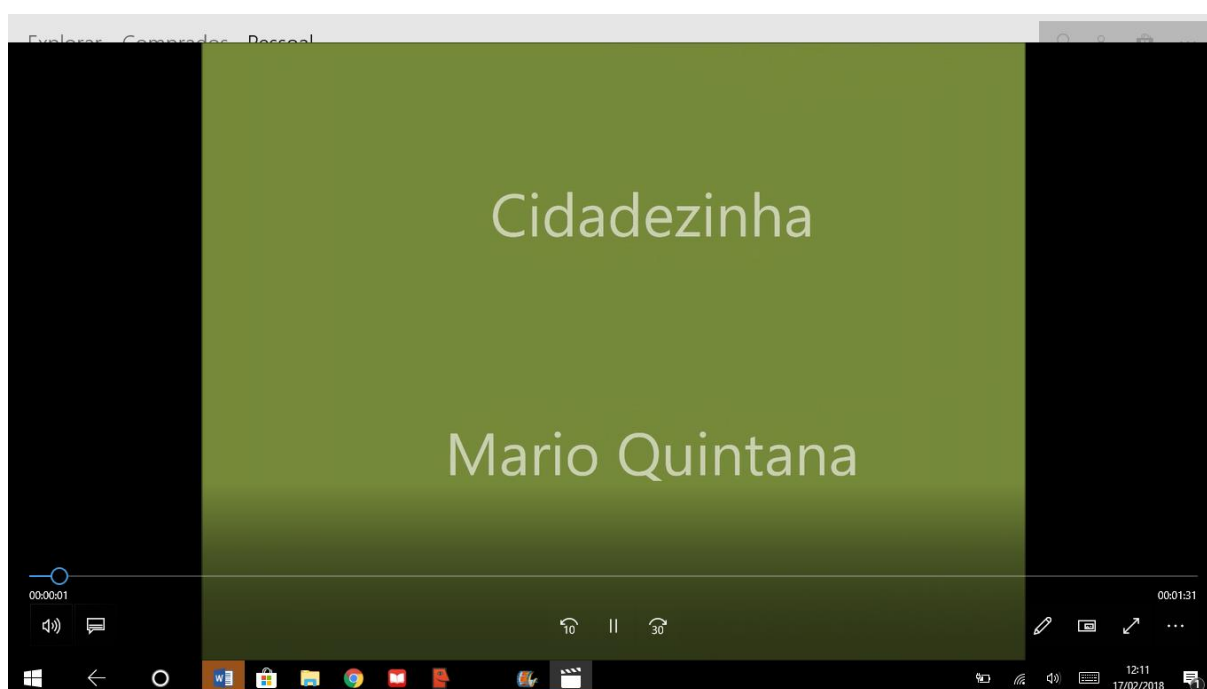


Imagem 1



Imagem 2



Imagem 3



Imagem 4



Imagem 5

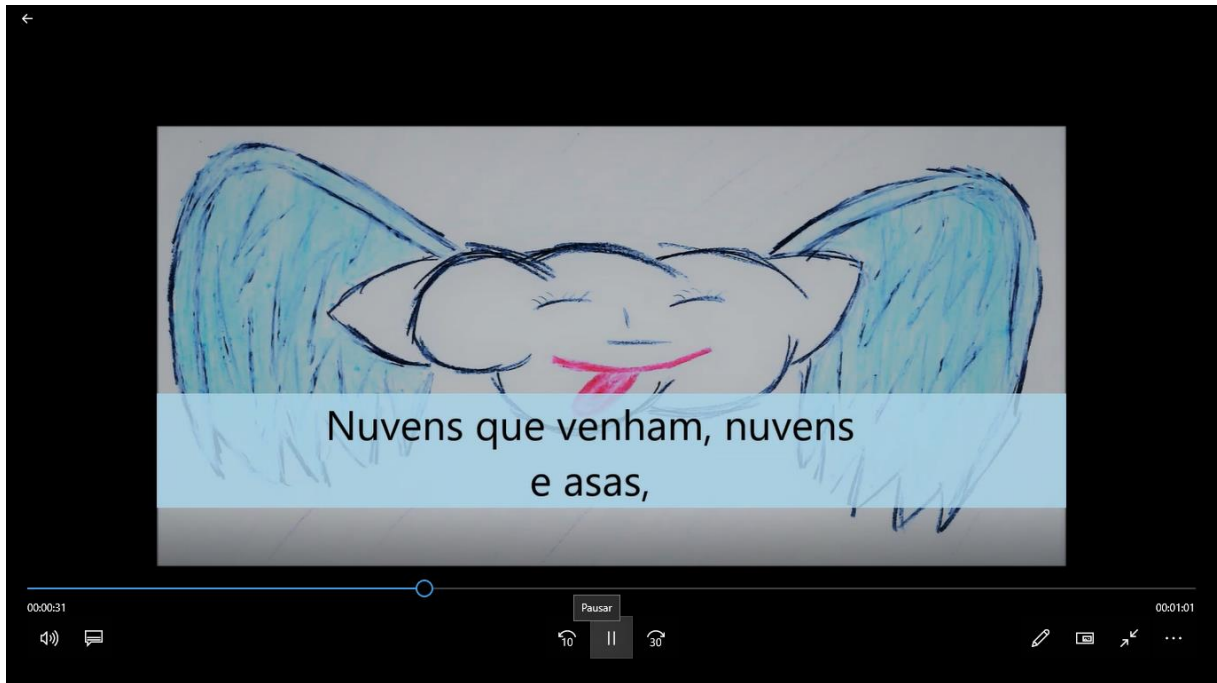


Imagem 6

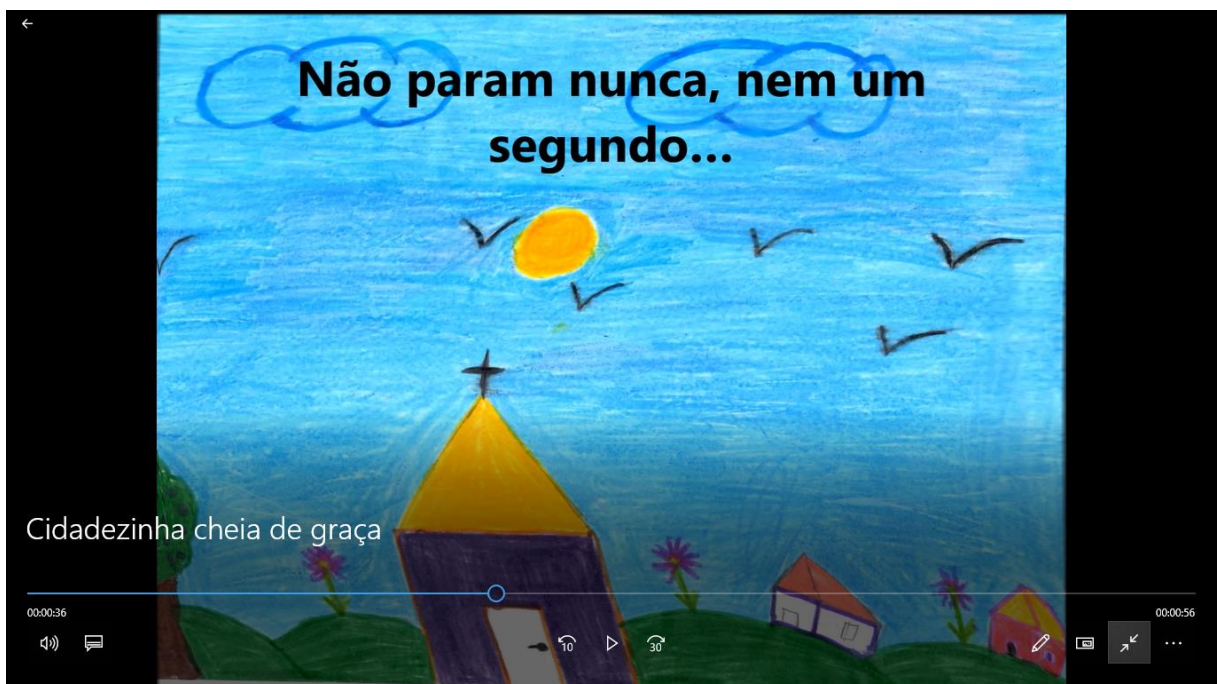


Imagem 7



Imagem 8

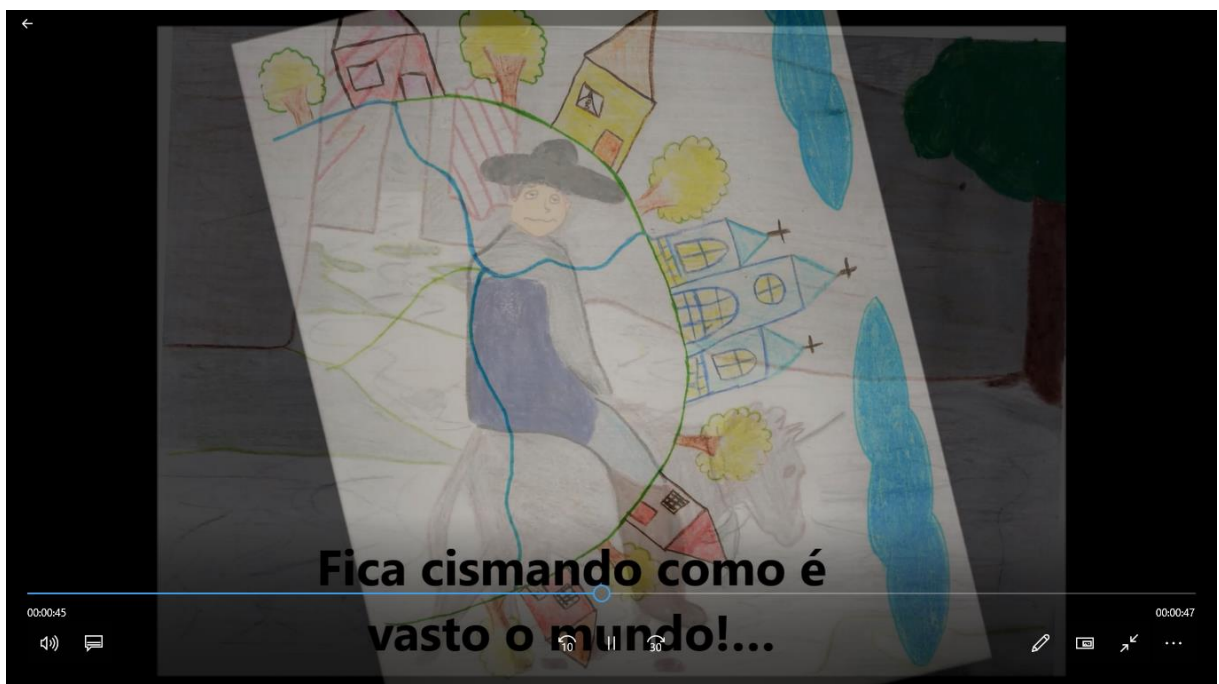


Imagem 9



Imagem 10



Imagem 11

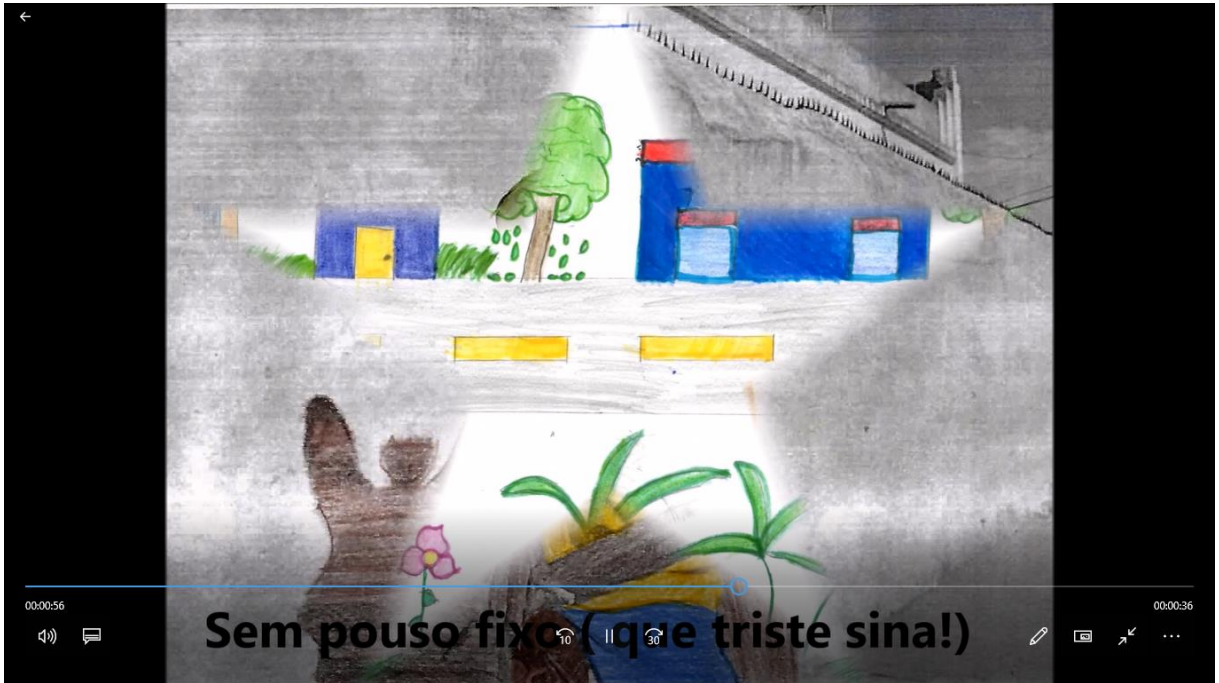


Imagem 12

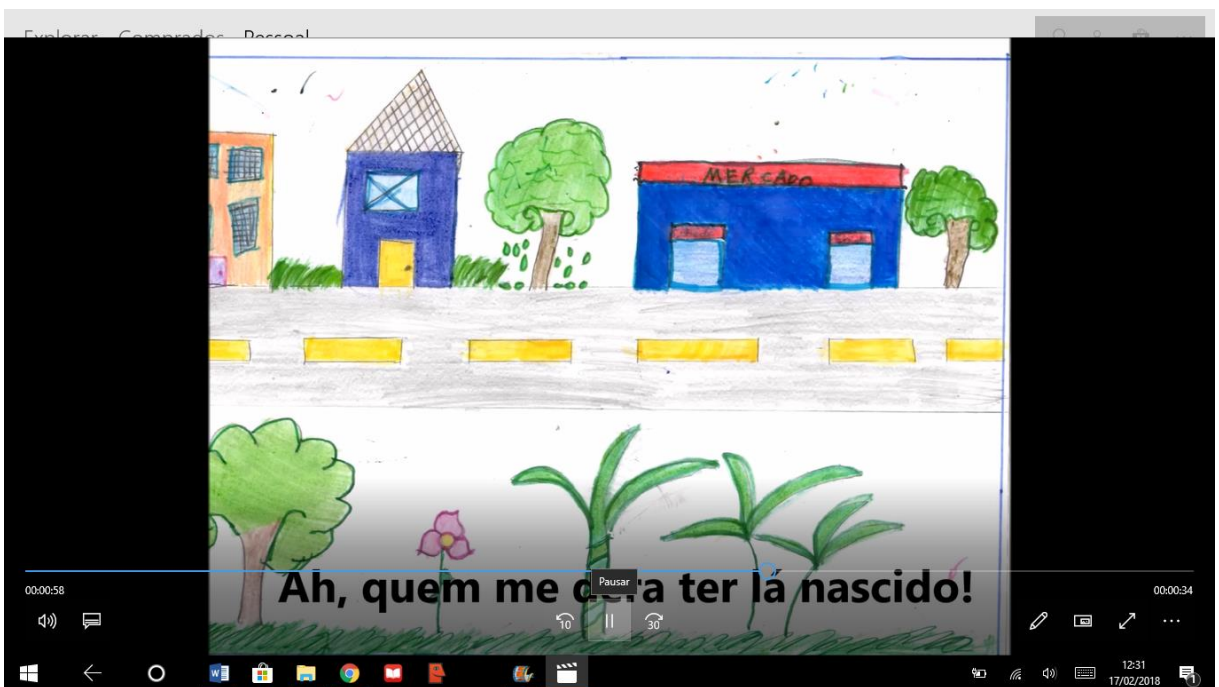


Imagem 13

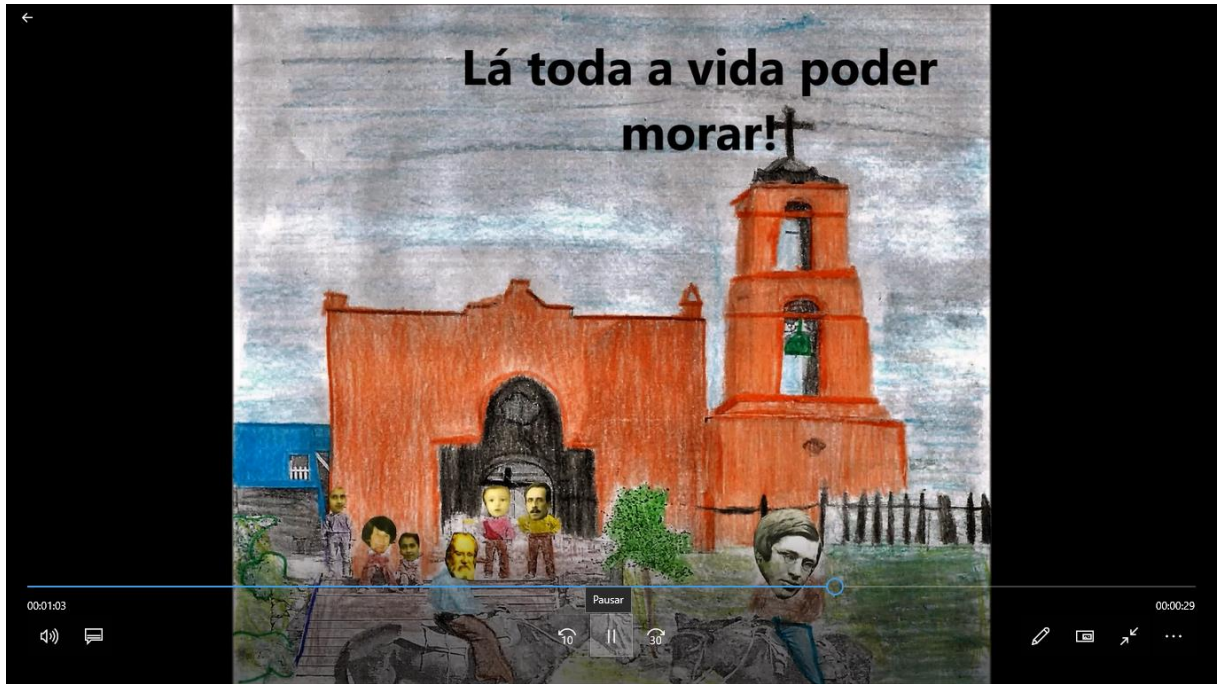


Imagem 14



Imagem 15



Imagem 16

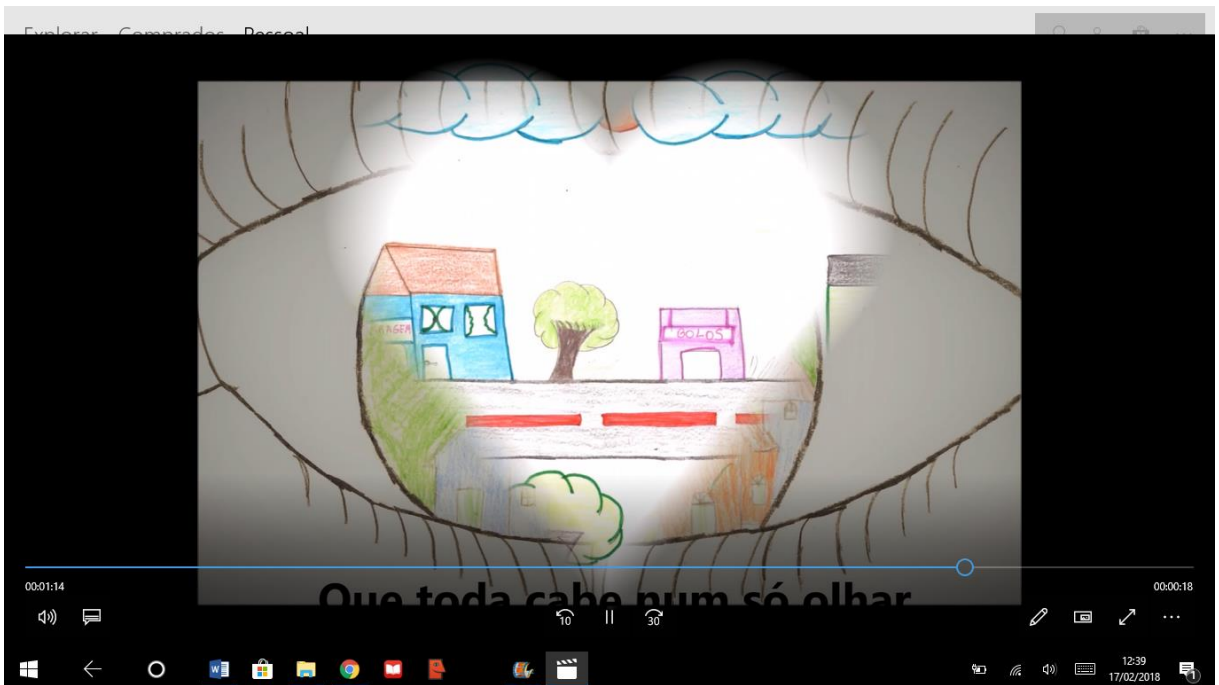
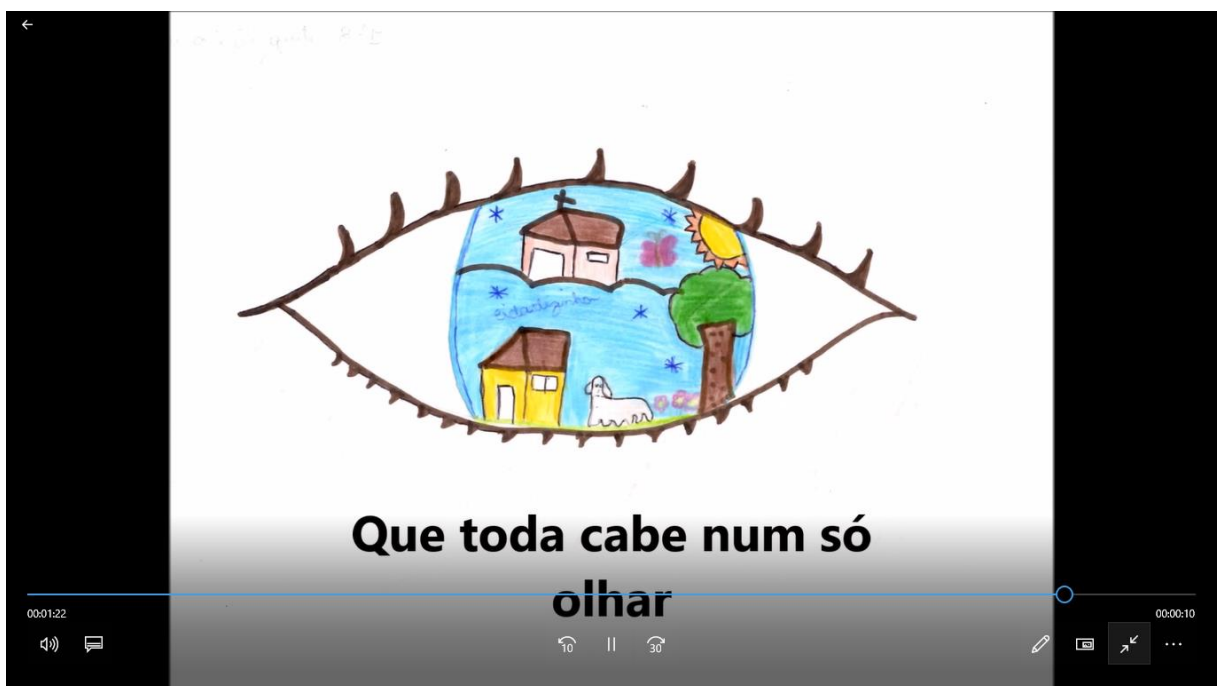


Imagem 17



Imagem 18



No poema Cidadezinha, classificamos o processo utilizado como: reprodutibilidade tecnológica, reprodutibilidade técnica, reprodutibilidade artesanal e reprodutibilidade tecnológica (RTL/RT/RA/RTL) pois as imagens 3,8,9,10 e 13 foram retirados da plataforma

digital Wikimedia Commons (RTL), impressas em uma impressora (RT) e pintadas a mão com lápis de cor, canetinhas e giz de cera (RA), também foram utilizados recortes de jornais. A imagem 14 foi desenhada e pintada a mão (RA) e utilizado recorte de revista, as imagens 1,2,4,5,6,7,8,12,14,15,16,17 e 18 foram desenhadas e pintadas a mão com lápis de cor, canetinhas e giz de cera (RA), após a etapa de produção todas as imagens foram scaneadas em uma impressora multifuncional (RTL) e manipuladas digitalmente para a produção de um videopoema (RTL).

Poema :Guerra

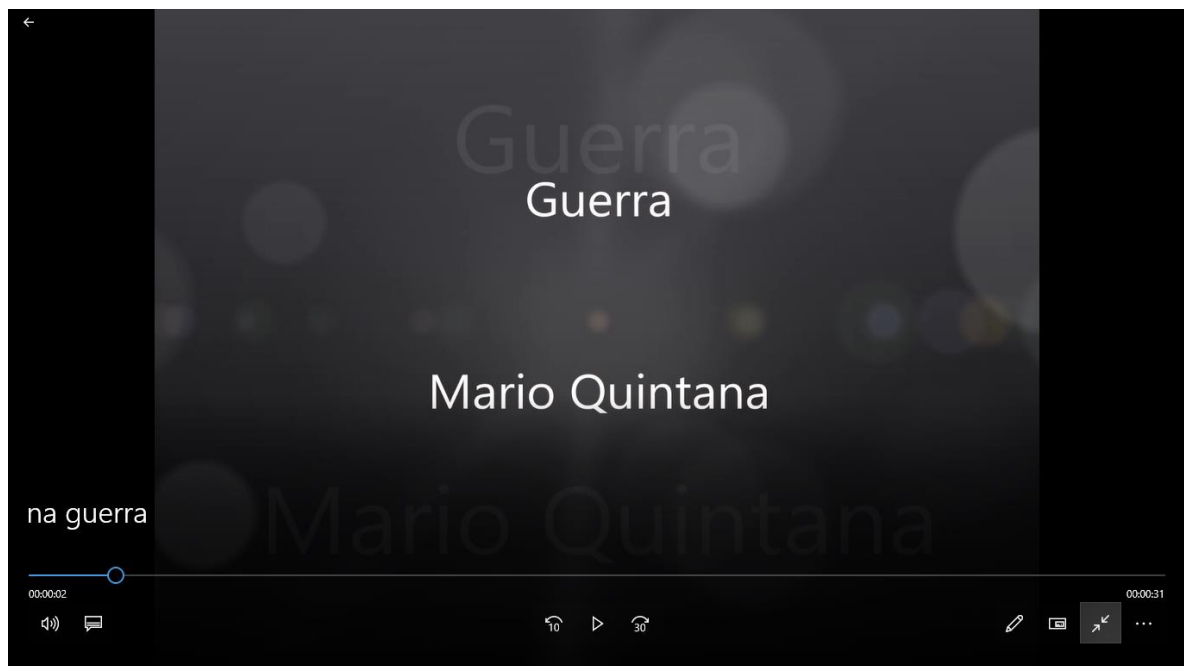


Imagem 1

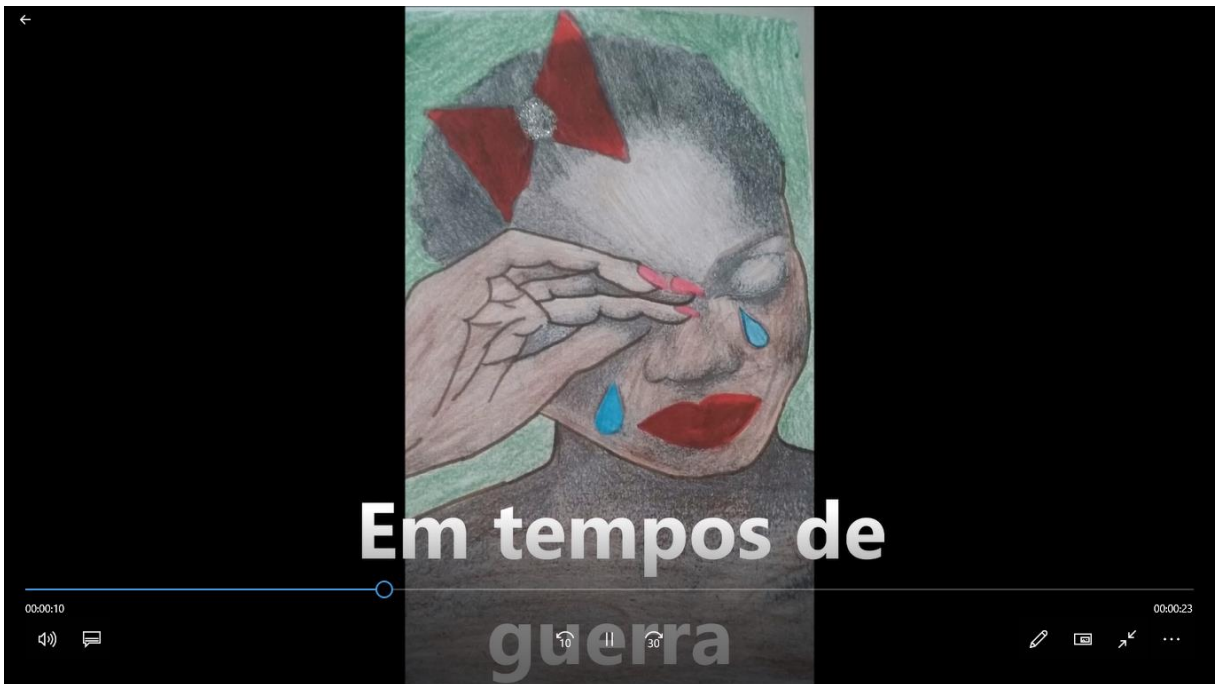


Imagem 2

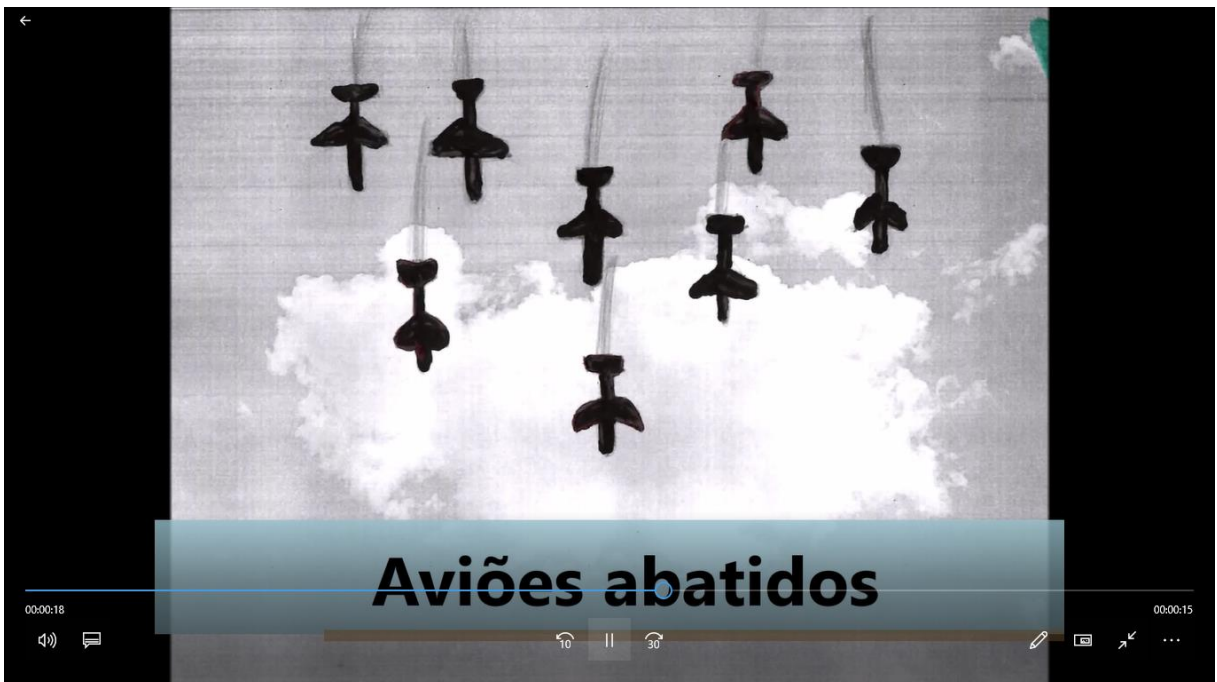


Imagem 3



Neste caso, o processo utilizado foi: reprodutibilidade tecnológica, reprodutibilidade técnica, reprodutibilidade artesanal e reprodutibilidade tecnológica (RTL/RT/RA/RTL) as imagens foram pesquisadas na internet no site Wikimedia Commos (RTL) impressas em uma impressora (RT) pintadas a mão com lápis de cor, canetinhas e tinta guache e cola glitter, digitalizadas e editadas para produção de um videopoema (RTL).

Poema: Poeminha do contra

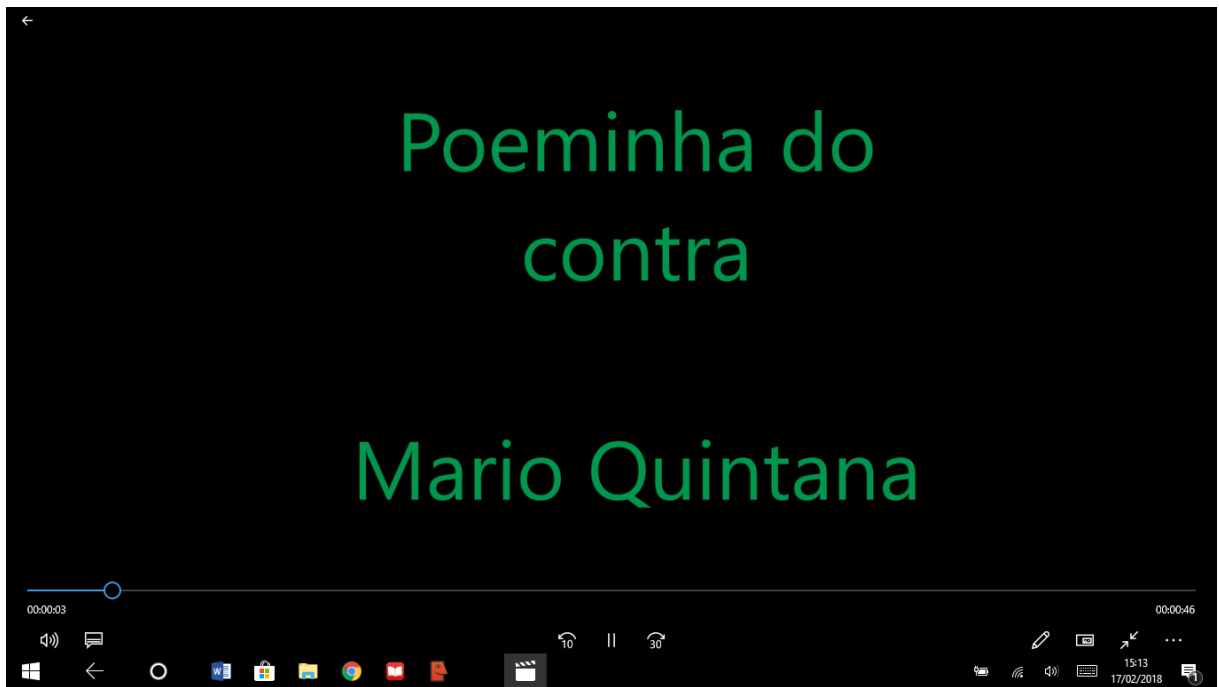


Imagem 1



Imagem 2



Imagem 3



Imagem 4

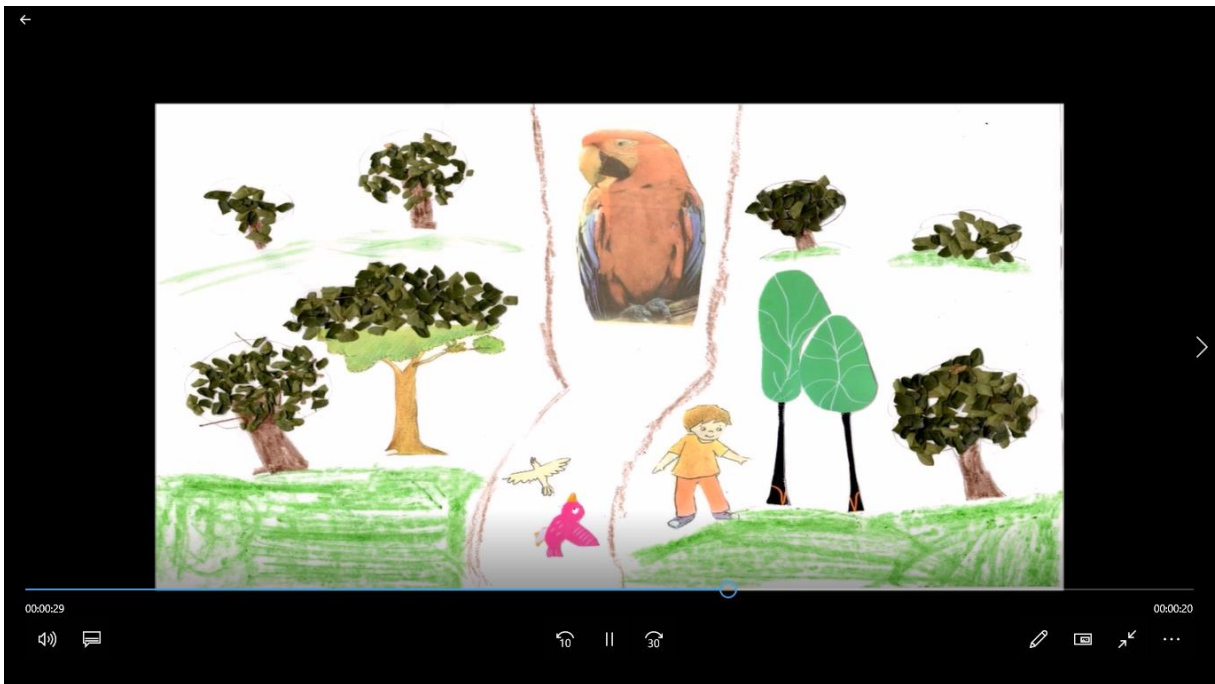


Imagem 5



No *poeminha do contra*, o processo utilizado na primeira imagem foi: reprodutibilidade artesanal (RA) pois foi pintada a mão com lápis de cor e giz de cera, a imagem 2 foi pesquisada na internet (RTL) em seguida impressa em uma impressora (RT) e pintadas com lápis de cor e giz de cera (RA). As imagens 3, 4 e 5 foram desenhadas e pintadas manualmente e apresentam recortes de revistas e folhas de plantas que configura a reprodutibilidade artesanal (RA). Todas as imagens foram digitalizadas e editadas para a edição de um videopoema (RTL).

Poema: Os poemas

Imagem 1

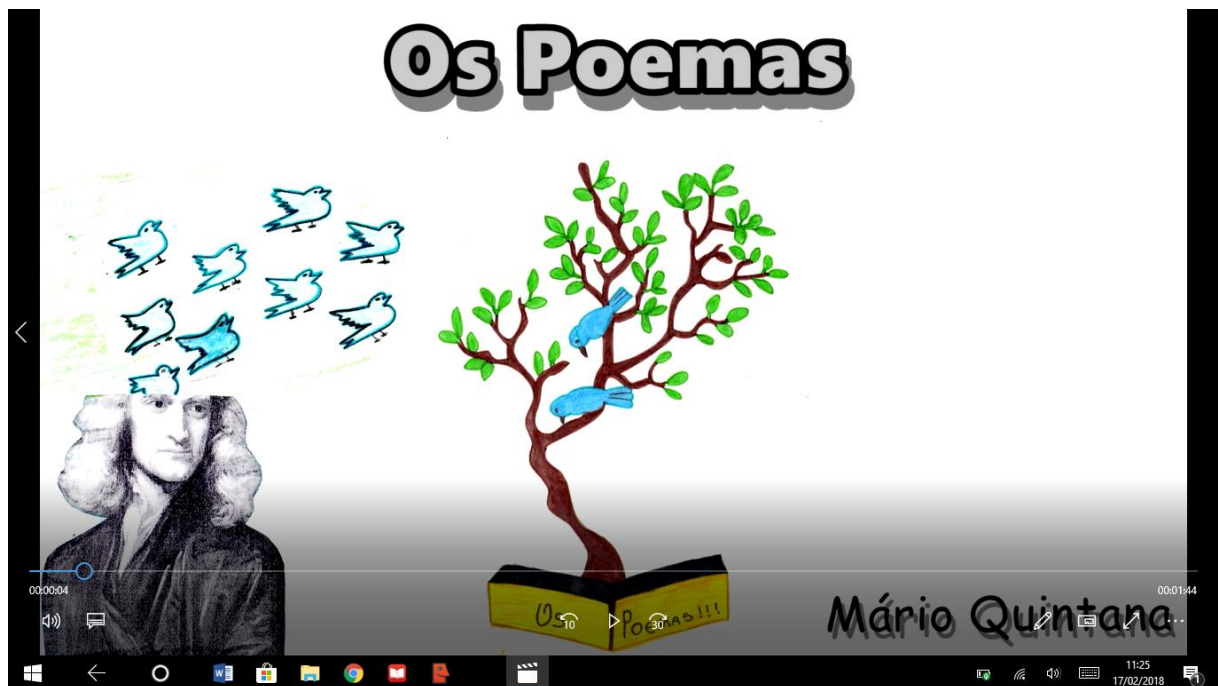


Imagem 2

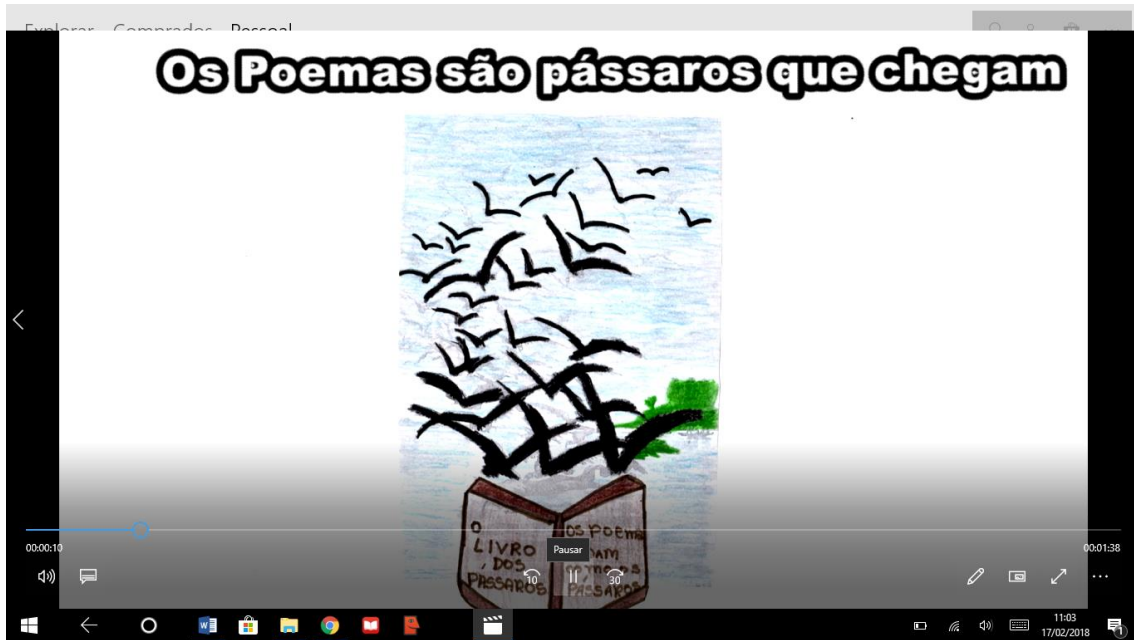


Imagem 3

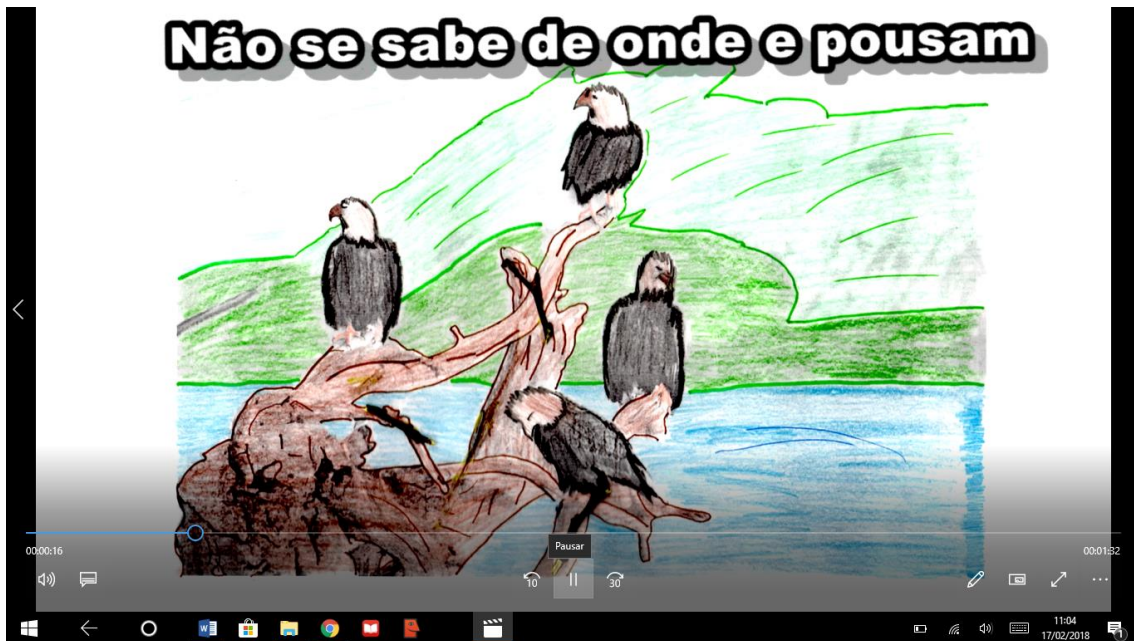


Imagem 4



Imagem 5

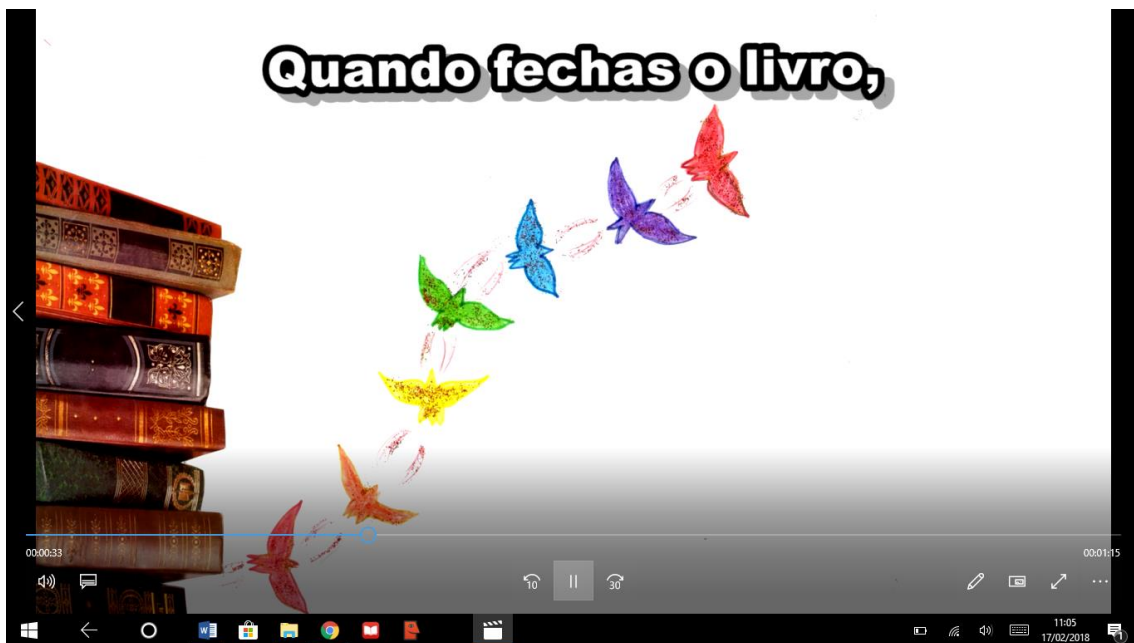


Imagem 6

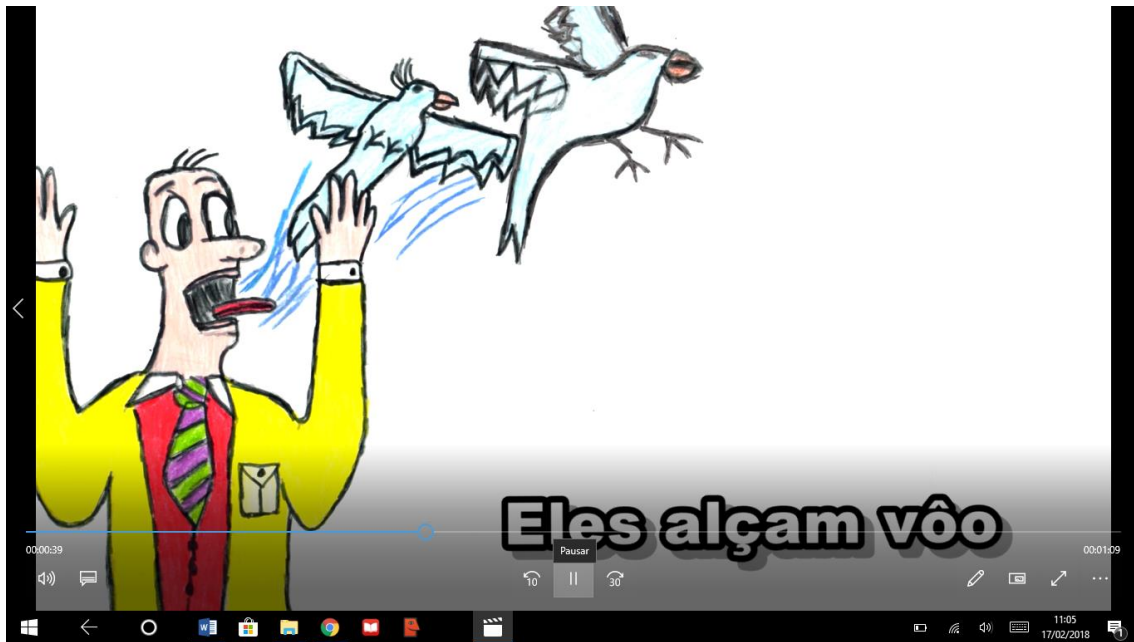


Imagem 7

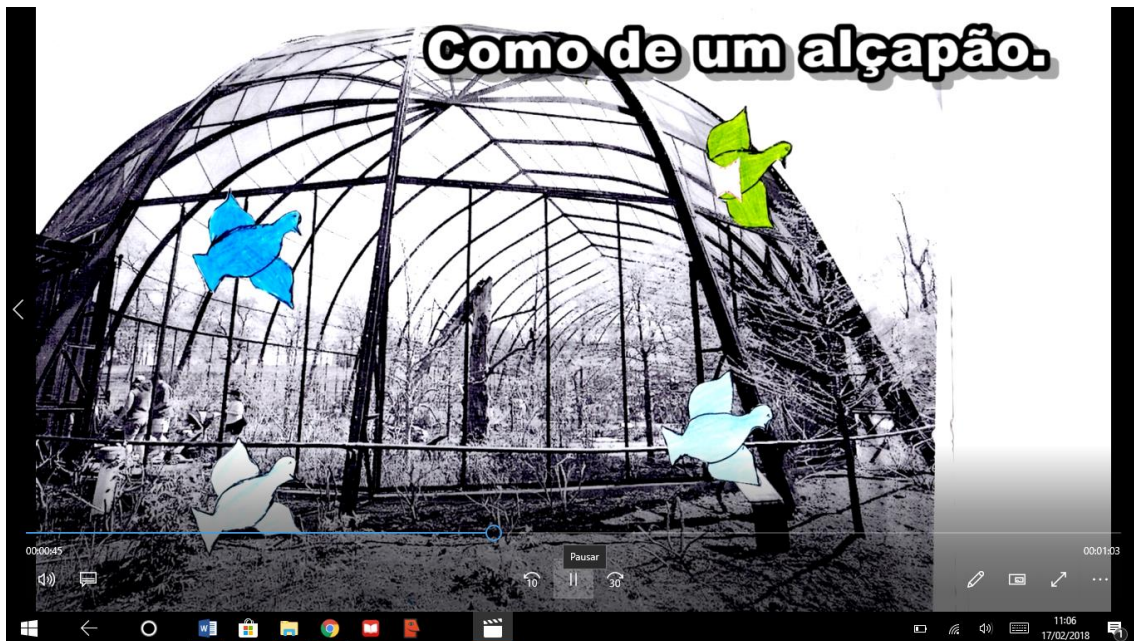


Imagem 8

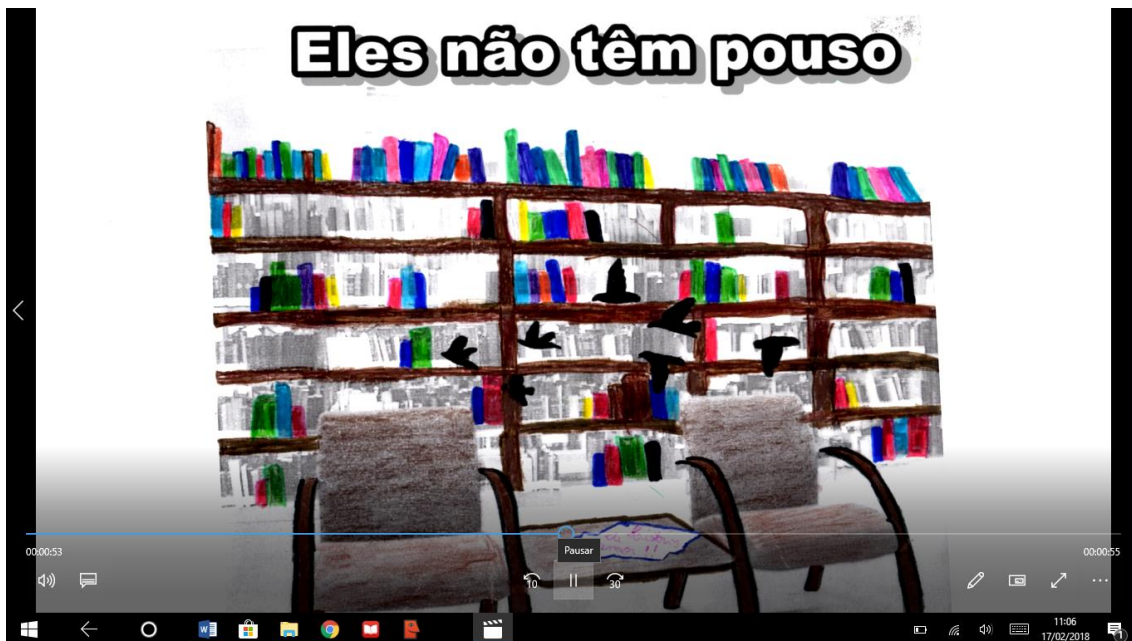


Imagem 9

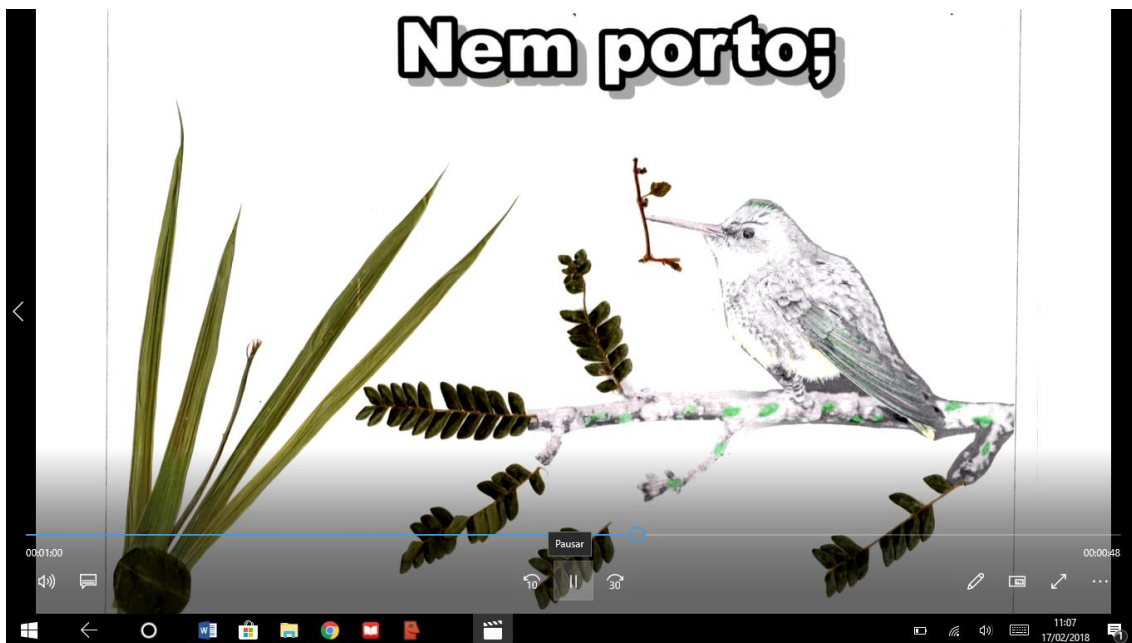


Imagem 10

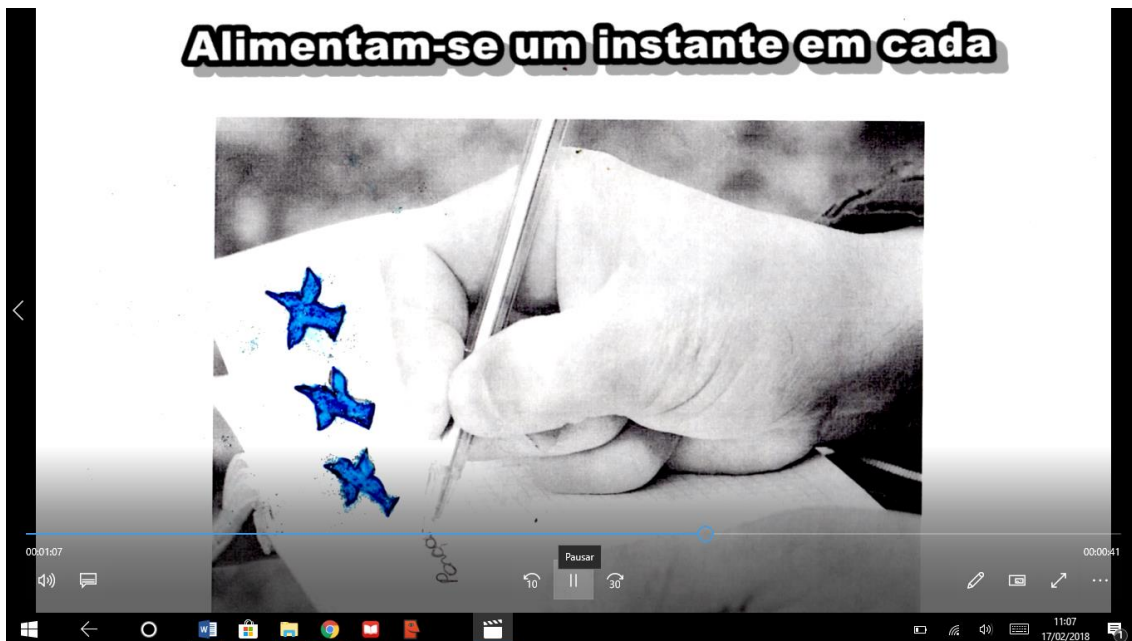


Imagem 11

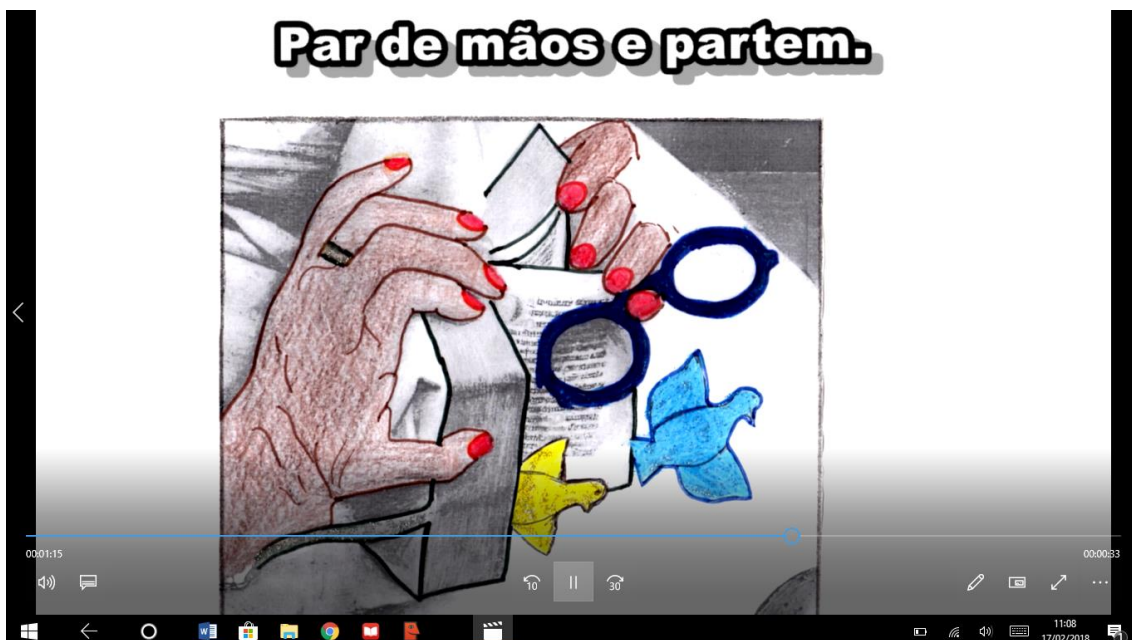


Imagem 12

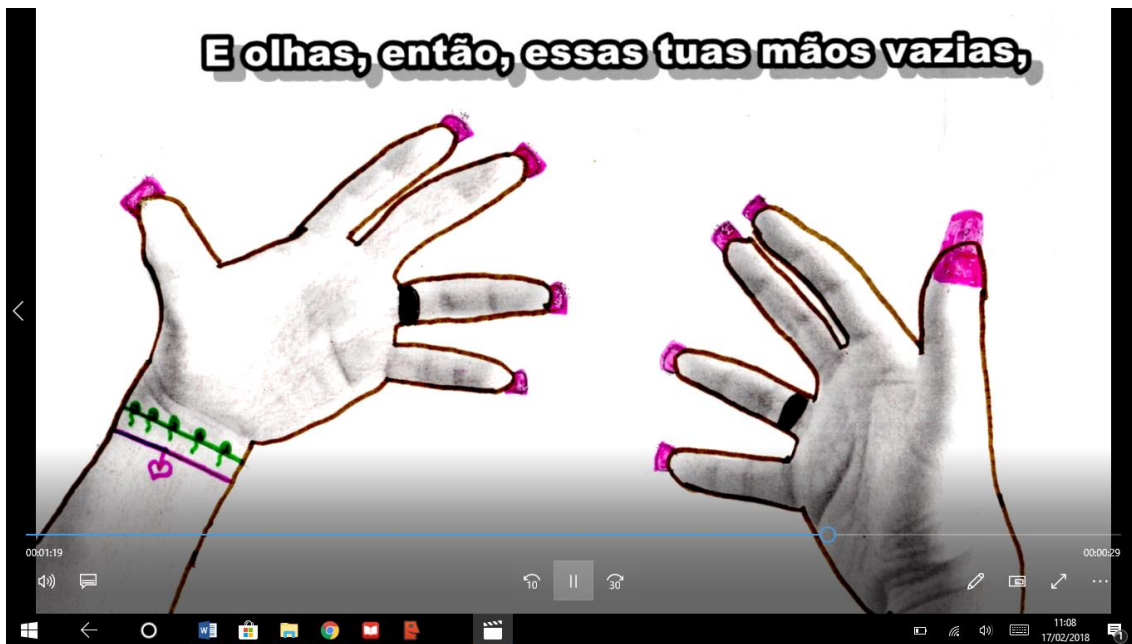


Imagem 13

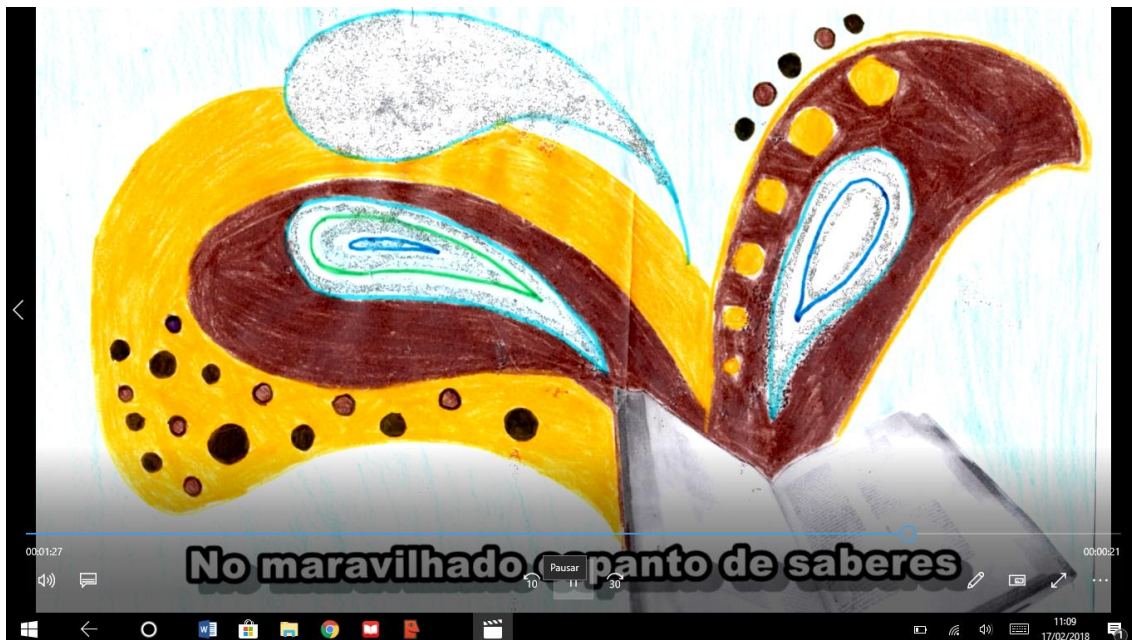
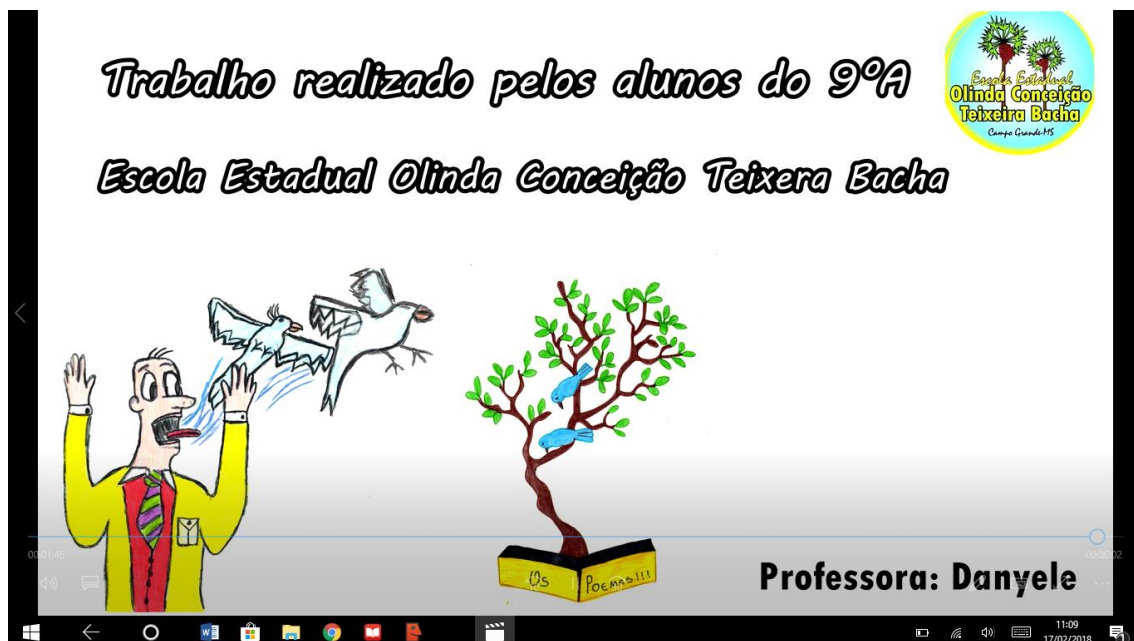


Imagem 14



Para esse poema, as imagens foram retiradas do site Wiikimedia Commos (RTL), impressas (RT) e depois pintadas com lápis de cor, canetinhas, giz de cera e tinta guache. Os

alunos também utilizaram recortes de revistas e jornais, pedaços de galhos e folhas de plantas (RA) para depois digitalizar e manipular as figuras para a produção do videopoema (RTL). Três processos foram utilizados: a Reprodutibilidade Tecnológica (saber usar o computador), a Reprodutibilidade Técnica (saber imprimir por meio de uma impressora), a Reprodutibilidade Artesanal (pintar, desenhar, contornar, recortar e colar) e a Reprodutibilidade Tecnológica, novamente para digitalizar e editar as imagens para o videopoema.

Vale destacar que todo esse processo de intervenção na imagem impressa não abandona o âmbito literário, tampouco o gosto pela poesia. Pelo contrário, a estratégia de reprodutibilidade transformativa permite um diálogo entre a literatura e as novas tecnologias.

Nesse sentido, a estratégia da reprodutibilidade transformativa deve designar um espaço e uma voz à tecnologia, esta, por sua vez, deve ser “obrigada” falar no “idioma da literatura”. Tal como as vozes citadas em um romance, esperamos que esta personagem, com a sua intensidade, com sua velocidade, com seu vazio, também se refrata no ensino de literatura, favorecendo a emergência de novas maneiras de se ler e produzir o texto literário (RODRIGUES, ano, p. 13).

De acordo com os resultados desta pesquisa, vemos que utilizar essa estratégia a favor do ensino permite que as tecnologias e a literatura caminhem juntas e que o professor não perde espaço para a ociosidade em suas aulas, sentindo-se seguro que está contribuindo para a formação de alunos leitores e interessados em literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde as civilizações mais antigas, a Literatura estava presente. Mesmo como matéria educativa, ela era usada para educar moral e socialmente as pessoas e para ensinar o sistema da escrita.

Atualmente, essa funcionalidade, que foi atribuída à literatura, tem sido repensada na prática de ensino, e gradativamente os textos literários não são mais considerados apenas como registros de palavras para transmitir informações ou como pretexto para ensinar gramática: eles são depósitos de saberes que trazem em sua essência o poder de humanização.

Reconhecemos que as novas tecnologias estão cada vez mais ocupando seu espaço na nossa sociedade, e a escola não deve ficar de fora desse cenário. Ela precisa adequar-se a essa realidade e procurar oferecer recursos para que seus alunos e professores estejam inseridos nesse contexto, de maneira a interpretar o mundo tecnológico a partir de uma visão outra que não a do mero tecnicismo.

Nesse sentido, o uso das novas tecnologias, em consonância com a prática pedagógica nas aulas de Literatura, representa uma estratégia de ensino pela qual o aluno não será apenas um receptor de conteúdo, mas um agente participativo do processo de letramento. Em outras palavras, o saber tecnológico já socializado deve entrar em diálogo com o saber literário, de maneira a propiciar uma forma de conhecimento mais humanizado.

A proposta apresentada foi bem aceita pelos alunos desde a fase inicial de leitura dos poemas, especialmente porque esse gênero pode assumir diferentes sentidos e proporcionar novas descobertas quando em contato com o leitor. Notamos que eles ficaram bastante entusiasmados durante a fase de interpretação e com a busca das imagens na internet nas salas de tecnologias, pois demonstraram gostar de ir ao laboratório, sentindo-se importantes no processo de pesquisa.

Podemos dizer, que com a realização desta pesquisa e intervenção no ensino do 9ºA, houveram avanços na aprendizagem da maioria dos alunos em relação à oralidade e leitura, notoriamente os alunos têm apresentado maior interesse nas aulas que envolvem essas práticas. Além disso, contribuiu para a socialização da turma, uma vez que fizeram os trabalhos em duplas/trios, proporcionou melhoras na convivência em sala de aula.

Percebemos, finalmente, que existe um grande distanciamento entre o aluno e o texto literário. Isso pode ocorrer principalmente pela falta de incentivo no meio familiar.

Diante dessa realidade, refletimos sobre a dimensão e a riqueza que carrega nosso trabalho com a literatura em sala de aula, principalmente a partir dessas propostas diferenciadas, que pretendem quebrar certos paradigmas relacionados ao uso das novas tecnologias no ambiente escolar e possuem o objetivo de despertar em nossos alunos o prazer na leitura literária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, L. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado. In: ZIZEK, S. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

BENJAMIN. Walter. **A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica**. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CANDIDO, Antonio. **O direito à Literatura**. In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 2011.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

GEBARA, Ana Elvira Luciano. **A poesia na escola: leitura e análise de poesia para crianças**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons, ritmos**. São Paulo: Ática, 2007.

GOHN, Maria da Gloria. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v 14 n. 50 2006. p. 27-38.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

PÊCHEUX, Michel. O mecanismo do (des)conhecimento ideológico. In: ZIZEK, S. **Um mapa da ideologia**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996

QUINTANA: Vida e obra. Direção e roteiro de Luzimar Stricher. Porto Alegre. Janeiro, 2009. Disponível em : < <https://www.youtube.com/watch?v=t21jz0KK1Lw&t=594s> > Acesso em: Janeiro de 2017.

_____ Caderno H. 2a. edição. São Paulo: Globo, 2006. p.107.

_____ Poesia Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2005. p. 469.

_____ Prosa e verso- série paradidática, Rio Grande do Sul: Editora Globo, 1978.

_____ Antologia poética. 1ª. Edição. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

RODRIGUES, Lucilo Antonio. **A estratégia da reprodutibilidade transformativa**. Projeto de Pesquisa CNPQ/UEMS - 2011-2014.

ROJO, R.; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo. Parábola. 2012.

SOARES, Magda. **A escolarização da literatura infantil e juvenil**. In: Evangelista, Aracy.A.Martins et Al. (Org.) **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOARES, Magda. **O que é letramento?** 2003. Disponível em <http://www.verzeri.org.br/artigos/003.pdf> Acesso em 16 de outubro de 2017.

SOCIEDADE dos poetas mortos. Direção: Peter Weir. Produção: Paul Junger Witt. Roteiro: Tom Schulman. **Distribuição:-** Abril Vídeo, EUA, 1989, 1 DVD.

SUL, Estado do Mato Grosso do. **Referencial curricular da rede estadual de ensino**. Ensino fundamental. Secretaria estadual de educação, 2016.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 3.ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 2011.

TODOROV, Tzevetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. 3°ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010, 96 p.

SANTAELLA, Lúcia. **Como eu ensino leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **O mecanismo do (des)conhecimento ideológico**. In: ZIZEK, Slavoj (Org.) **Um mapa da ideologia**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

ZILBERMAN, Regina (Org.) **Mario Quintana: poemas para ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

_____. **Que literatura para a escola? Que escola para a literatura?** Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 5 - n. 1 - 9-20 - jan./jun. 2009